



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Artes e Letras

**Prática de Ensino Supervisionada.**  
Geometria Descritiva A (11º Ano)  
Oficina de Artes (12º Ano)  
**A Fotografia. Apropriações e desconstruções nas Artes  
Visuais e seu ensino.**

**Beatriz Fernanda Madeira Lopes**

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em  
**Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino  
Secundário**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador Científico: Prof<sup>a</sup> Doutora Fátima Maria Oliveira Caiado  
Orientador Pedagógico: Mestre Ana Cristina Matos Lopes Fidalgo

**Covilhã, Outubro de 2013**



# Dedicatória

À minha família.



## Agradecimentos

À Prof<sup>a</sup> Doutora Fátima de Oliveira Caiado pela sua compreensão e apoio prestado no desenvolvimento deste projeto.

À Orientadora cooperante, Mestre Ana Fidalgo, pela confiança, disponibilidade e compreensão que sempre demonstrou.

À Escola Secundária Campos Melo, por nos ter acolhido e possibilitado a realização do Estágio Pedagógico Supervisionado.

Às minhas colegas de estágio, Eliana Fernandes e Maria da Luz, pelos momentos de partilha de trabalho e amizade demonstrados neste percurso em comum.

À minha família e amigos que, de uma forma ou de outra, me apoiaram e incentivaram a cumprir mais este projeto da minha vida até ao fim.



## Resumo

“A Fotografia. Apropriações e desconstruções nas Artes Visuais e seu ensino”, foi o tema escolhido para a parte de investigação deste relatório de estágio, no âmbito Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Este trabalho apresenta-se dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada ao tema de investigação, e a segunda ao Relatório de Estágio na Prática de Ensino Supervisionada.

A primeira parte encontra-se dividida em dois capítulos: no primeiro é abordada a história da fotografia e seus antecedentes, e a relação da fotografia com a arte até à atualidade; o segundo capítulo é dedicado à potencialidade da aplicação/utilização da fotografia, ou imagem nas propostas de trabalho no âmbito da aula de Oficina e Artes, do Curso Humanístico de Artes Visuais, do ensino regular.

A segunda parte, respetiva à Prática de Ensino Supervisionada, encontra-se dividida por três capítulos, sendo o primeiro dedicado à contextualização socioeconómica da Escola Secundária Campos Melo (o local de estágio), e o segundo e terceiro dedicados às reflexões de aulas supervisionadas e todo o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estágio durante o ano letivo, no âmbito das aulas de Oficina de Artes (12º ano) e de Geometria Descritiva-A (11ºano).

## Palavras-chave

Fotografia, Artes Visuais, Ensino, Comunicação.



## Abstract

“Photography. Appropriations and deconstructions in Visual Arts and its teaching” was the theme chosen for the research part of this internship report, in the ambit of the Master in Teaching Visual Arts in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education.

This work is presented in two parts, being the first devoted to the research topic, and the second to the Internship Report on Supervised Teaching Practice.

The first part is divided into two chapters, where the first is addressed the history of photography and its antecedents and the relationship of photography with art, to the present day; the second chapter is devoted to the potential of the application / use of the photograph, or image in the proposed work within the classroom of Workshop and Arts, Course of Humanistics in Visual Arts, in the regular education.

The second part, related to the Supervised Teaching Practice, is divided in three chapters, the first dedicated to the socio-economic context of the High School Campos Melo (the internship location), the second and the third devoted to reflections of supervised classes and all the work developed by Core Stage during the school year, within the classes of Workshop and Arts (12th year) and Descriptive Geometry-A (11th year).

## Keywords

Photography, Visual Arts, Teaching (instruction), Communication



# Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Palavras-chave .....	v
Abstract.....	vii
Keywords .....	vii
Índice .....	ix
Lista de Figuras.....	xiii
Lista de Tabelas.....	xvii
Lista de Acrónimos.....	xix
Parte I A Fotografia. Apropriações e desconstruções nas Artes Visuais e seu ensino.....	1
Introdução.....	1
CAPÍTULO I. A fotografia .....	3
I.1. Breve história.....	3
I.2. A Sociedade, imagem e cultura visual .....	7
I.3. A Fotografia e a Arte .....	9
I.3.1. Impressionismo.....	9
I.3.2. Futurismo .....	11
I.3.4. Dadaísmo, Schadografia e Surrealismo .....	14
I.3.4. Bauhaus.....	17
I.3.5. A fotografia na segunda metade do século XX.....	19

Capítulo II. A fotografia na sala de aula .....	33
II.1. A fotografia como canal de criatividade nas aulas de Oficina de Artes .....	33
II.1.1- Enquadramento do programa de Oficina de Artes .....	33
II.1.2. A fotografia como utensílio de trabalho na aula de Oficina de Artes .....	34
II.2. Proposta/Descrição/Planificação de atividades .....	37
A.    Fotogramas .....	37
B.    Solarização.....	39
Parte II.....	41
Prática de Ensino Supervisionada .....	41
Introdução.....	41
CAPÍTULO I. Escola Secundária Campos Melo. Contexto socioeconómico. Oferta formativa. Infraestruturas e recursos. Caracterização do núcleo de estágio e do grupo 600.....	43
I.1. A Cidade da Covilhã .....	43
I.2. A Escola Secundária Campos Melo .....	43
I.2.1. Oferta Formativa .....	45
I.2.2. Atividades de Enriquecimento curricular.....	46
I.2.3. A escola e a comunidade .....	46
I.3. O núcleo de estágio .....	46
I.4. Infraestruturas e Recursos do Curso de Artes Visuais .....	48
I.5. Caraterização do grupo 600 de Artes Visuais .....	50
I.6. Caraterização das turmas .....	51
CAPÍTULO II. Aulas assistidas .....	53
II.1. Planificação das disciplinas .....	53

---

II.2. Calendarização das aulas .....	53
II.3. O programa de Oficinas de Artes .....	55
II.3.1. Aula nº1 de OFA - “A LINHA” - 5 de Outubro 2012 .....	56
II.3.1.1. Reflexão final da aula observada .....	57
II.3.1.2. Síntese do desenvolvimento dos projetos .....	57
II.3.2. Aula nº2 de OFA - “ARTE TRIDIMENSIONAL” - 25 de Fevereiro 2013 .....	59
II.3.2.1. Reflexão final da aula observada .....	60
II.3.2.2. Síntese do desenvolvimento dos projetos .....	60
II.3.3. Avaliação dos trabalhos propostos .....	61
II.3.4. Reflexão Geral da turma de OFA (12ºD) .....	62
II.4. O programa de Geometria Descritiva - A .....	63
II.4.1. Aula nº1 de GDA - “ORTOGONALIDADE” - 8 de Outubro 2012 .....	64
II.4.1.1. Reflexão final da aula observada .....	65
II.4.2. Aula nº2 de GDA - “REPRESENTAÇÃO DE SÓLIDOS III” - 26 de Novembro 2012 .....	65
II.4.2.1. Reflexão final da aula observada .....	66
II.4.3. Aula nº3 de GDA - “ÂNGULOS” - 28 de Janeiro 2013 .....	66
II.4.3.1. Reflexão final da aula observada .....	67
II.4.4. Aula nº1 de GDA - “SECÇÕES EM CONES COM BASE HORIZONTAL OU FRONTAL, PRODUZIDAS POR PLANOS PROJETANTES” - 04 de Março 2013 .....	67
II.4.4.1. Reflexão final da aula observada .....	68
II.4.5. Avaliação dos trabalhos propostos em sala de aula .....	68
II.3.6. Reflexão geral da turma de GDA (11ºA) .....	68
CAPÍTULO III. VISITAS DE ESTUDO, COLÓQUIOS, TEATROS E EXPOSIÇÕES .....	71

III.1. Museu de Arte Sacra .....	71
III.2. Projeto “Comenius” .....	73
III.3. “Entretecer”- Espetáculo multidisciplinar no Teatro das Beiras.....	74
III.4 - Concurso de “Árvores de Natal” .....	74
III.5. Exposição “Registos” na Associação de Antigos Professores, Alunos e Empregados da ESCM.....	75
III.6. Exposição “Do Ponto ao Desenho” - Serra Shopping .....	76
III.7. Campos Melo na 17ª Edição do Colóquio Juvenil de Arte.....	77
III.8. Exposição “Texturando um Sonho” - Tinturaria.....	78
Considerações Finais .....	79
Bibliografia.....	81
Netgrafia .....	81
Índice de Anexos .....	83
Índice de Apêndices .....	85

## Lista de Figuras

Fig. 1 - Funcionamento da câmara escura .....	3
Fig. 2 - Câmara escura com sistema refletor de espelhos .....	4
Fig. 3 - Primeiro registo fotográfico de uma paisagem de Nièpce .....	5
Fig. 4 - Daguerre e o “daguerreotipo” .....	6
Fig. 5 - Negativo e positivo obtido por um calótipo .....	6
Fig. 6 - Figura rupestre do Vale do Côa - Portugal.....	8
Fig. 7 - “As Bailarinas Azuis”, Degas, 1897.....	10
Fig. 8 - “ <i>Banhista</i> ”, Paul Cézanne, 1887 .....	10
Fig. 9 - “ <i>Jovem com abanico</i> ”, Paul Gauguin, 1902 .....	10
Fig. 10 - “ <i>Salto do cavalo preto</i> ”, Muybridge, 1887.....	11
Fig. 11 - “ <i>Sem título</i> ”, Etienne-Jules Marey .....	12
Fig. 12 - “ <i>Nu descendo uma escada</i> ”, Marcel Duchamp, 1912 .....	12
Fig. 13 - “ <i>Viagem à Lua</i> ” .....	12
Fig. 14 - “ <i>Dinamismo de um cão com trela</i> ” (1912), G. Balla, .....	13
Fig. 15 - “ <i>Jogador de golf</i> ”, H.E. Edgerton, 1935.....	13
Fig. 16 - “ <i>Não se preocupe - ele é vegetariano</i> ”, J. Heartfield, 1930 .....	14
Fig. 17 - “ <i>Shadografia</i> ”, C. Schad, 1918 .....	15
Fig. 18 - “ <i>Mulher adormecida</i> ”, solarização, Man Ray, 1931 .....	15
Fig. 19 - “ <i>Andy Warhol</i> ”, P. Halsman, 1968.....	16
Fig. 20 - “ <i>Dali Atomicus</i> ”, P. Halsman, 1948 .....	16
Fig. 21 - “ <i>Tempo - Tempo - Progresso - Cultura</i> ”, Marianne Brandt,1927 .....	18

Fig. 22 - “Fotograma” László Moholy - Nagy, 1925) .....	18
Fig. 23 - Cartaz do filme “Couraçado Potemkin”, A. Rodchenko, 1925.....	19
Fig. 24 - “Chicago”, A. Siskind, 1948.....	20
Fig. 25 - “Pintura”, J. Pollock, 1948 .....	20
Fig. 26 - “Trolley-New Orleans”, Robert Frank, 1955.....	21
Fig. 27 - “Criança com uma granada de mão de brinquedo no Central Park”, Diane Arbus, 1962 .....	22
Fig. 28 - “Depósitos de gás”, Bernd e Hilla Becher, 1983-1992 .....	22
Fig. 29 - “A invisible man”, Jeff Wall.....	22
Fig. 30 - Exposição de retratos realizados por Thomas Ruff .....	23
Fig. 31 - “ Sem título”, Cindy Sherman, 1980 .....	23
Fig. 32 - Esquerda: “Interpretação do Papa Inocencio X”, Francis Bacon, 1953 Centro: “Papa Inocencio X”, Velazquez, 1650 Direita: fotograma do filme “Couraçado de Potemkin”, de Eisenstein, 1925.....	23
Fig. 33 - “Marilyn”, A. Warhol, 1964.....	24
Fig. 34 - Chuck Close, durante a execução da obra “Mark”, 1979 .....	25
Fig. 35 - Esquerda: “Mark”, Chuck Close, 1979; Direita: pormenor da pintura. ....	25
<b>Fig. 36 - “Nedick’s”, Richard Estes, 1970.....</b>	<b>26</b>
Fig. 37 - “Auto retrato com modelo”, Duane Hanson, 1979 .....	26
Fig. 38 - “Beauty Composite (Jane Fonda, Jacqueline Bisset, Diane Keaton, Brooke Shields, and Meryl Streep)”, Nancy Burson, 1984. ....	27
Fig. 39 - Esquerda: “After”, Paul Cadden; Direita: pormenor da obra. ....	29
Fig. 40 - “Vortex”, Denis Peterson, 2008.....	29
<b>Fig. 41- “Red Lightning”, Tom Blackwell 2002 .....</b>	<b>30</b>

Fig. 42 - “Smirk”, Alyssa Monks, 2009 .....	30
Fig. 43 - Esquerda: “Big Man”, Ron Mueck, 2000 Direita: Pormenor da obra. ....	31
Fig. 44 - Aluno a aplicar a técnica do ponto, com a imagem original ao lado. ....	35
Fig. 45 - Esquerda para a direita: trabalho final do Ponto, Linha e Textura.....	35
Fig. 46 - Da esquerda para a direita: Trabalho Ponto, Linha, Objeto Tridimensional e Textura. .....	36
Fig. 47 - Alunos na construção de componentes tridimensionais para um cenário, e cenário montado para iniciação de captação de fotografias para o stop motion. ....	36
Fig. 48 - Fotogramas (autor desconhecido) .....	38
Fig. 49 - “Primacy of matter over thought”, Man Ray 1929 .....	40
Fig. 50 - Escola Secundaria Campos Melo.....	44
Fig. 51 - Elementos do Núcleo de Estágio: Beatriz Lopes, Eliana Fernandes, Ana Fidalgo e Maria Silva.....	47
Fig. 52- Planta da sala de OFA.....	49
Fig. 53 - Planta da sala de GDA .....	50
Fig. 54- Trabalhos realizados com fios têxteis pelas alunas Melissa S., Mariana S. e Sónia M.	58
Fig. 55 - Trabalhos realizados com riscadores convencionais pelas alunas Milene G., Poliana S. e Carolina F. ....	58
Fig. 56 - Turma do 12º D durante a aula temática “Arte tridimensional”, em Oficina de Artes .....	59
Fig. 57 - Arte tridimensional / Objetos descontextualizados, nos quais os alunos Inês M. e Tiago M. se basearam na imagem dos trabalhos precedentes do ponto, linha e textura. ....	60
Fig. 58 - Arte tridimensional / Objetos descontextualizados desenvolvidos pelos alunos. ....	61
Fig. 59 - Professora estagiária durante a leção da aula de GDA. ....	64
Fig. 60 - Turma 12º D, na visita ao Museu de Arte Sacra, na Covilhã.....	71

Fig. 61 - Teste diagnóstico no Museu de Arte Sacra - resultados.....	72
Fig. 62 - Painel de azulejo "Comenius", onde constam os quatro logótipos .....	73
Fig. 63 - Alunos em diálogo com as atrizes da peça " <i>Entretecer</i> " .....	74
Fig. 64 - Alunos na conceção do projeto da árvore de Natal (aula de OFA).....	74
Fig. 65 - Cartaz da exposição "Registos", na APAE. ....	75
Fig. 66 - Exposição "Registos", na APAE.....	75
Fig. 67 - Cartaz da exposição " <i>Do Ponto ao Desenho</i> " , no Serra Shopping .....	76
Fig. 68 - Exposição " <i>Do Ponto ao Desenho</i> ", Serra Shopping .....	76
Fig. 69 - Fotogramas dos dois filmes do concurso " <i>A arte e o lápis - viajando na memória do tempo</i> " .....	77
Fig. 70 - Exposição Texturando um Sonho, na galeria da Tinturaria .....	78

## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Oferta Formativa da ESCM .....	45
Tabela 2 - Horário de Estágio .....	48
Tabela 3 - Calendário das aulas supervisionadas.....	54



## Lista de Acrónimos

AF	Agregado Familiar
AV	Artes Visuais
CCHAV	Curso Científico Humanístico de Artes Visuais
ESCM	Escola Secundária Campos Melo
GDA	Geometria descritiva A
GRP	Gabinete de Relações Públicas
ME	Ministério da Educação
MEAV	Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário
OFA	Oficina de Artes
PAA	Plano Anual de Atividades
PE	Professor Estagiário
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UBI	Universidade da Beira Interior
UT	Unidade de Trabalho



## Parte I

# A Fotografia. Apropriações e desconstruções nas Artes Visuais e seu ensino.

## Introdução

Desde os primórdios da humanidade que o homem se serviu da imagem-desenho para comunicar, exteriorizar seus sentimentos e até contar uma “história”. O desenvolvimento das sociedades humanas conduziu, também a múltiplas formas de expressão e comunicação, entre estas as várias expressões artísticas em concreto a fotografia.

Desde que surgiu, começou a desempenhar um papel importante para a sociedade, sendo tida como uma arte ou como uma certificação dos factos e acontecimentos. Na verdade ela está presente para onde quer que olhemos (publicidade, jornais revistas...), sendo mesmo parte integrante da nossa cultura visual.

O objetivo deste capítulo, é abordar a fotografia como dimensão cultural da sociedade, como base para a criação de artística e, sobretudo, determinar até que ponto esta pode influenciar alunos de artes visuais no desenvolvimento criativo dos seus trabalhos. Entendendo como desenvolvimento criativo...



# CAPÍTULO I. A fotografia

A fotografia, desde os seus primeiros passos como inovação técnica, que acompanha a ciência e a arte. A sua “aura” de veracidade face ao retrato vem desafiar a “função” cultural de alguns géneros pictóricos, como o retrato. Está na génese do cinema e abre novos caminhos para as Artes Plásticas, tornando-se ela própria uma Arte. Por outro lado tornou-se numa ferramenta fundamental na documentação de factos e acontecimentos, na divulgação de produtos (publicidade e moda) e nos campos que dizem respeito aos sistemas de informação e comunicação (jornalismo e televisão).

## I.1. Breve história

Segundo o dicionário, a fotografia é “a arte de fixar e reproduzir por meio de reações químicas, em superfícies convenientemente preparadas, as imagens em câmara escura”.

As datas e as etapas dos processos que levaram à criação da Fotografia, não são exatamente precisas, pois muitos deles são resultados de experiências conhecidas pelo homem desde a Antiguidade, sobre as quais alguns cientistas de várias épocas e locais descobriram e juntaram aos poucos as várias “peças” deste puzzle, que só no final do séc. XIX foi finalizado. Algumas destas descobertas e factos, foram relevantes para a invenção da fotografia, que se baseia em dois princípios básicos, já conhecidos pelo homem desde há muito tempo, mas que vieram mostrar resultados satisfatórios conjuntamente após muito tempo de experiências e tentativas, que são: a câmara escura e a existência de materiais fotossensíveis.

A **câmara escura** é uma caixa preta totalmente vedada da luz com um pequeno orifício ou uma objetiva em um dos lados. Ao ser apontada para um objeto, tal como o olho humano, a luz refletida deste é projetada para dentro da caixa e a imagem dele forma-se na parede oposta à do orifício, mas de forma invertida (fig.1).

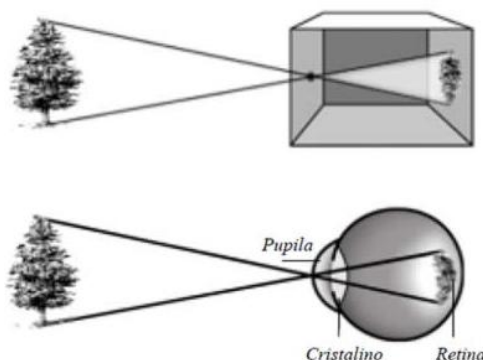


Fig. 1- Funcionamento da câmara escura

O conhecimento da câmara escura remonta ao século IV a.C. descoberto por Aristóteles, quando este observou a imagem do sol, num eclipse parcial, projetada no solo em forma de meia-lua, ao passar os seus raios por um pequeno orifício entre as folhas de um plátano. Observou também que quanto mais pequeno fosse o orifício, mais nítida era a imagem. Entretanto, ao longo de várias épocas, houve referências à sua utilização, mas foi no período do Renascimento, que esta foi novamente valorizada justamente por Leonardo Da Vinci, por volta de 1521. A câmara escura, que era inicialmente do tamanho de um quarto, foi fortemente usada neste período e também em grande parte nos séculos XVII e XVIII, para auxiliar na prática da perspetiva e da pintura e até serviu como um cinema rudimentar, onde dentro dela eram colocadas os espetadores a assistirem à projeção da imagem invertida, da atuação dos atores do lado de fora.

Foi a partir daqui que se procurou resolver dois dos problemas apresentados pela câmara escura, um deles a inversão da imagem projetada, e o outro era quanto mais pequeno era o tamanho do orifício, mais nítida se tornava a imagem, o que levava que a sua utilização só fosse possível em locais bem iluminados. A solução para estes problemas, foi a aplicação de lentes nas aberturas e a utilização de espelhos, para a amplificação da luz e inversão da imagem, respetivamente<sup>1</sup>. Quanto ao tamanho, com o avanço das tecnologias, este foi diminuindo, possibilitando a sua função com a utilização de sistemas de foco e de uma diversidade de lentes com intuito de auxiliar o desenho e a pintura de ambientes e pessoas e de forma a que se pudesse transportar (fig. 2).

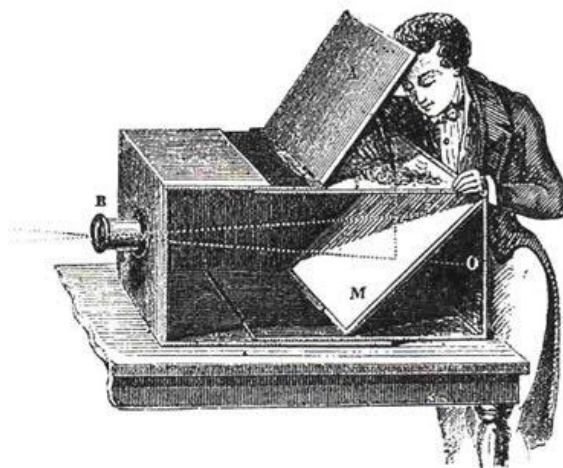


Fig. 2 - Câmara escura com sistema refletor de espelhos

---

<sup>1</sup> Os primeiros a utilizarem lentes nas câmaras foram os italianos Giovanni Battista Della Porta, Daniel Barbaro e Gerolamo Cardano (1501- 1576).

Os avanços e aperfeiçoamento tecnológico da câmara escura, fizeram com que houvesse outro tipo de necessidade como fixar a imagem projetada num suporte, sem ter que se recorrer ao desenho. É nesta fase que entre outros experimentalistas, se destaca Thomas Wedgwood<sup>2</sup>, ao colocar à luz do sol, algumas folhas de árvores e asas de insetos sobre papel e couro branco sensibilizados com prata. Da sua experiência, apenas conseguiu obter silhuetas em negativo tentando, de diversas formas, torná-las permanentes, mas sem resultados, pois não conseguia interromper o processo do enegrecimento das imagens pela luz.

Só mais tarde, em 1826, é que Nicéphore Niépce, um fascinado pelo registo visual, realiza experiências, no que resultou a primeira fotografia, uma natureza morta, que demorou 14 horas para ser registada (mais tarde a prática com uma paisagem - fig. 3). Basicamente, o ensaio de Niépce resultou do princípio da câmara escura, aperfeiçoando o sistema do diafragma de íris, utilizando como suporte o vidro e estanho, resolvendo o problema químico da fixação com betume judaico. Apesar do tempo de exposição ser ainda muito longo, a partir deste momento, estava descoberto o princípio da fotografia.



Fig. 3 - Primeiro registo fotográfico de uma paisagem de Niépce

Após o desaparecimento de Niépce, Daguerre oficializa a invenção da fotografia com as suas pesquisas das quais resultaram uma forma de fixação duradoura da imagem e a redução do tempo de exposição da superfície sensível para 30 minutos, chamando-se a este processo de “daguerreótipo” (fig.4), sendo apresentado à Academia de Ciências em 1839. O “daguerreótipo” utilizava como suporte fotossensível uma placa de cobre sensibilizada com prata e não possibilitava a formação de negativo, tornando cada imagem uma produção única.

---

<sup>2</sup> Thomas Wedgwood (1771 - 1805) Pesquisador químico e um dos pioneiros da fotografia britânico nascido em Etruria, Staffordshire, hoje na cidade de Stoke-on-Trent, Inglaterra.

Geralmente, era impresso em estojos e medalhas, facto que valorizava o trabalho do fotógrafo e devido ao facto de ser um novo método e caro, era apenas restringido a elites.

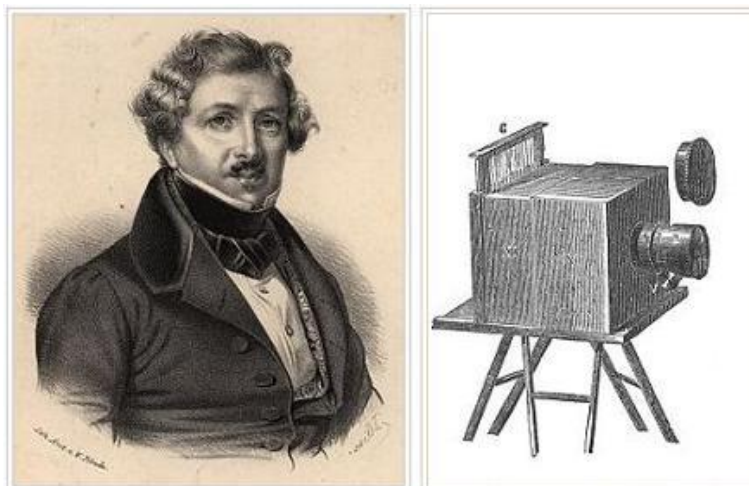


Fig. 4 - Daguerre e o “daguerreotipo”

Embora nesta altura ainda não fosse considerado, ainda existe uma questão a resolver, sendo esta o facto de uma sessão fotográfica corresponder só à produção de uma única imagem. Ainda não era possível a reprodução ou impressão de um número ilimitado de cópias da mesma imagem. Foi Talbot, ao trabalhar no aperfeiçoamento do seu “calótipo”, em 1841, que possibilitou a fixação de imagens em papel e a criação de várias cópias com o processo de positivo/negativo (fig.5). Mais uma vez, este processo ainda era pouco acessível, o que foi logo alterado com o decorrer da revolução industrial, que fez com que os produtos utilizados para a produção da fotografias, a tronassem mais barata e mais ao alcance de quem quisesse ter a sua imagem perpetuada. Devido a este facto, o “calótipo” ganhou terreno, e o “daguerreotipo” começa a ficar esquecido.

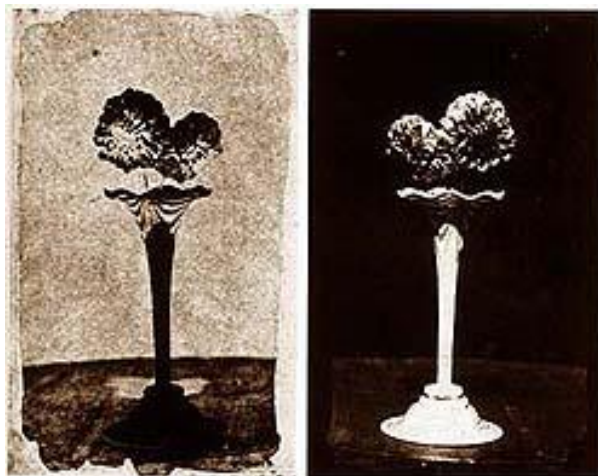


Fig. 5 - Negativo e positivo obtido por um calótipo

Posteriormente, em 1888, George Eastman revoluciona o caminho da fotografia, ao criar uma pequena máquina à qual dá o nome de Kodak, e onde as chapas de vidro utilizadas até então são substituídas por um suporte flexível e transparente, possibilitando o alargamento do mundo da fotografia para os amadores.

Com o surgimento das Polaroid (máquinas fotográficas instantâneas) e das películas a cores, avançam as técnicas de revelação, no tratamento e criação de imagens, embora atualmente a fotografia digital seja a mais utilizada, devido à sua facilidade de acesso e visualização de resultados sem ser necessário recorrer ao processo de revelação da fotografia, podendo-se ainda manipular a imagem através de vários programas informáticos específicos para este fim (ex.: Photoshop), permitindo que um utilizador amador crie e imprima as suas próprias fotografias em casa, sem laboratório e sem grandes custos.

## **1.2. A Sociedade, imagem e cultura visual**

A cultura visual é um conceito recente, que ainda se encontra em fase de definição. Esta área está associada a vários campos de estudo, e surge precisamente quando se nota a importância dos avanços das tecnologias e dos meios de comunicação para o quotidiano do indivíduo.

A Cultura Visual tem como objetivo estudar os processos culturais (hábitos e costumes visuais), referentes a um ou mais povos, procurando entender os aspetos visuais como fonte de transmissão cultural, ou seja, é a combinação de estudos culturais, história de arte e antropologia de um determinado povo ou sociedade, onde são focados aspetos da cultura em estudo, sustentados por imagens e aspetos de carácter visual. Tem como meta analisar o que é tornado visível, quem vê, o que vê e como vê.

Pode-se afirmar que provavelmente não existiria História sem o estudo da imagem, uma vez que os relatos documentados nos quais se baseiam a História, são acompanhados, e pode-se mesmo até dizer que certificados por pinturas ou desenhos. Por exemplo, no que respeita ao estudo do início da humanidade, não era possível chegar a conclusões de como o homem se organizava na Pré - História para caçar e viver, se não se tivesse estudado todos os vestígios de representações artísticas gravadas nas paredes e tetos das cavernas (fig.6). Estas gravuras são o testemunho da “sociedade” em que o ser humano viveu nesta época. Atualmente, a sociedade é conformada através de múltiplas tecnologias da informação e comunicação, dentro destas a televisão e a internet que nos fazem chegar, num clique de um botão a culturas de países diferentes.



Fig. 6 - Figura rupestre do Vale do Côa - Portugal

O campo de estudos da cultura visual pode ser definido, como o estudo das construções culturais da experiência visual na vida quotidiana, assim como nos meios de comunicação, representações e as artes visuais.

Podemos dizer que a cultura visual está associada diretamente à imagem, propriamente dita, e em tudo o que esta nos pode transmitir.

Se procurarmos a definição da palavra imagem, diz-nos que esta é a representação gráfica, plástica ou fotográfica de algo ou de alguém, e em termos religiosos é tida como uma pintura ou escultura, destinada ao culto, que representa motivos ou figuras religiosas. Enquanto palavra propriamente dita, é um termo utilizado para fins comparativos ou representativos.

Podemos dizer que imagem é produção cultural. Todas fazem parte da evolução cultural da Humanidade, da sua necessidade de se exprimir e comunicar.

Platão e Aristóteles também criaram teorias sobre a questão e significação da imagem e do que ela representaria. Para Platão, a imagem seria uma projeção da mente, uma projeção da ideia, indo de encontro à sua teoria idealista. Já para Aristóteles, defendendo a teoria do realismo, acreditava que a imagem era a representação mental do objeto real, sendo adquirida através dos sentidos.

Tendo em conta que a História está repleta de escritos e de formas de representação (pintura, desenho, escultura...), que nos ajudaram a compreender o desenvolvimento do homem e das suas variadas estruturas culturais e socioeconómicas, foi a partir da invenção da fotografia que o conceito imagem obteve outra perspetiva - a imagem em tempo real. Face a outras formas de representação, como a pintura ou a escultura, a fotografia ganhou o estatuto de transmitir uma mensagem mais fiável, até, que qualquer documento escrito,

transformando-se também numa ferramenta importante tanto para as ciências sociais e humanas (geografia, história, etnologia, etc.), pois “*a fotografia está estreitamente ligada à observação; e a observação é um dos fundamentos da atitude científica*”<sup>3</sup>. Um dos aspetos a ter em conta relativamente ao aparecimento da fotografia, já foi referido anteriormente, é que esta é criada devido a investigações provenientes da química. Ela não nasce com o desejo de produzir um aparelho de construção da imagem, mas pela investigação de dois fenómenos naturais: a luz e a química, justificando assim o facto de os primeiros fotógrafos serem cientistas e não artistas.

### **I.3. A Fotografia e a Arte**

A fotografia, veio alterar a perceção e a experiência que a humanidade tinha no mundo. Era a reprodução de uma realidade “congelada” no tempo, possibilitando ao ser humano, criar um mundo imaginário tao credível quanto o real.

No que respeita às artes, embora a camara escura no princípio básico da fotografia, tivesse sido utilizada por pintores como recurso auxiliar no desenho no séc. XVI, foi no séc. XIX após a descoberta de Talbot<sup>4</sup>, que o recurso à pintura para se obter retratos veio a decair e que a fotografia e a pintura começam a evoluir em paralelo, influenciando-se mutuamente. Como a pintura não permitia uma representação “tão fiel” da realidade, não podia competir com a fotografia (mesmo sendo a preto e branco), mas a fotografia, por outro lado, veio desafiar reproduções miméticas da realidade, abrindo novos caminhos aos pintores proporcionando-lhes novas formas de ver o mundo, criando novas linguagens de expressão e comunicação visual, que não as académicas.

#### **I.3.1. Impressionismo**

Após a divulgação da fotografia, esta veio a desempenhar um papel fundamental nos impressionistas e pós-impressionistas, pois enquanto a maior parte dos pintores académicos entravam em polémicas contra os fotógrafos, alegando que estes não eram artistas, os novos pintores receberam-na como uma nova técnica a explorar. Tentavam ser tão objetivos como uma máquina fotográfica, mas agora ao ar livre tentando captar os efeitos efémeros da luz solar e da atmosfera sobre a figura ou paisagem. Artistas como Edgar Degas, Paul Cézanne ou Paul Gauguin, recorreram à fotografia para realizarem os seus trabalhos (como se pode evidenciar pelas figuras 7, 8 e 9), evitando desta forma, as longas horas de exposição do

---

<sup>3</sup> Gabriel Bauret, “A Fotografia”, Edições 70, cap.I, pág.30.

<sup>4</sup> A descoberta da produção da imagem em negativo do qual se podia reproduzir várias cópias em positivo.

modelo, ou terem que se deslocar até ao local para retratar. O movimento das figuras humanas (um efeito muito comum nas fotografias quando se registavam pessoas em movimento - é explorado nos quadros de Degas), os enquadramentos casuais (a descentralização e os cortes repentinos da imagem) e a ideia de que as personagens parecem ser surpreendidas nos seus atos, são influências da fotografia.



Fig. 7 - “As Bailarinas Azuis”, Degas, 1897

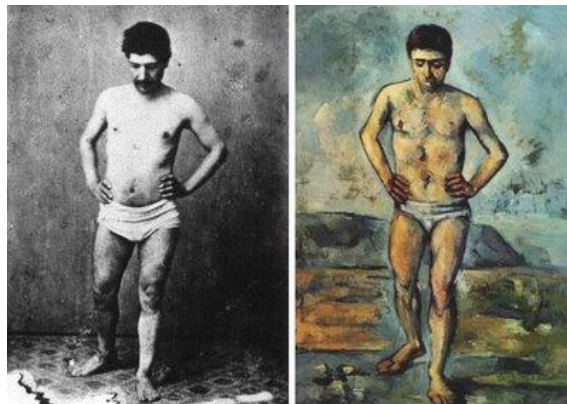


Fig. 8 - “Banhista”, Paul Cézanne, 1887



Fig. 9 - “Jovem com abanico”, Paul Gauguin, 1902

### I.3.2. Futurismo

Mais tarde, fotógrafos como Etienne-Jules Marey (inventor da cronofotografia) e Edward Muybridge, que graças à sequência de imagens extremamente próximas no tempo, decompueram o movimento do homem e dos animais (permitindo desvendar o mistério do galope do cavalo - figuras 10 e 11), foram influenciar a origem do Futurismo<sup>5</sup>, onde os artistas idolatravam a velocidade e os desenvolvimentos tecnológicos do final do século. Neste movimento, destaca-se entre outros, Marcel Duchamp com o seu “*Nu descendo uma escada*” (fig. 12), onde os movimentos de uma única figura são repetidos, tal como as cronofotografias de Marey.

Ainda com a invenção da cronofotografia, Marey não só criou um meio para estudo das várias fases de um corpo em movimento, mas criou também a base para aquela que é considerada a sétima arte - o cinema. Em 1890, Thomas Edison (conhecido por ter inventado a luz) desenvolveu o filme perfurado, que podia ser visualizado através de uma máquina chamada cinetoscópio e apenas por um espectador de cada vez. Mas os verdadeiros responsáveis pelo desenvolvimento do cinema moderno, foram os Irmãos Lumière, que inventaram o cinematógrafo, em 1895. Os seus filmes eram curtos (cerca de um minuto) e retratavam cenas da vida cotidiana. Foi Georges Méliès, mágico de profissão (e que podemos considerar o pai da ficção científica), realizando filmes onde eram usados atores, cenários e figurinos, bem como truques de ilusionismo, que deu um novo impulso na história do cinema, realizando a primeira ficção científica em 1902 - “*Viagem à Lua*” (figura 13), com 13 minutos de duração, baseado no livro “*Vinte Mil Léguas Submarinas*” de Júlio Verne.



Fig. 10 - “Salto do cavalo preto”, Muybridge, 1887

<sup>5</sup> O Movimento Futurista desencadeou outros movimentos como o Cubismo e o Abstracionismo.

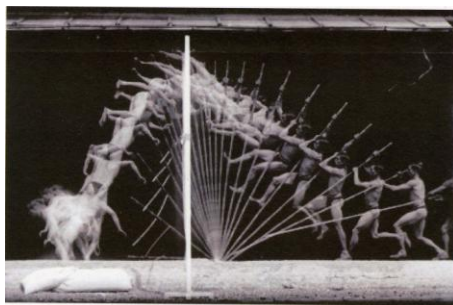


Fig. 11 - “Sem título”, Etienne-Jules Marey



Fig. 12 - “Nu descendo uma escada”, Marcel Duchamp, 1912



Fig. 13 - “Viagem à Lua”

Tal como a pintura sofreu influências pela fotografia, a técnica fotográfica também foi influenciada pelos movimentos artísticos que foram surgindo, tentando ser reconhecida como meio de expressão artística e plástica. Obras futuristas como as de Duchamp ou Giacomo Balla<sup>6</sup> levaram fotógrafos como H.E. Edgerton<sup>7</sup> a explorar uma linguagem mais plástica da fotografia, como se pode observar pela figura 15, desenvolvendo uma fotografia estroboscópica da ação cinética da alta velocidade, representado também na pintura do Movimento Futurista.



Fig. 14 - "*Dinamismo de um cão com trela*" (1912), G. Balla,



Fig. 15 - "*Jogador de golf*" , H.E. Edgerton, 1935

---

<sup>6</sup> **G. Balla** (1871-1958) - foi um dos expoentes do movimento artístico e literário do futurismo na Itália. Utilizou as técnicas de pontilhismo para desenvolver os principais temas do futurismo, a dinâmica e a velocidade.

<sup>7</sup> **Harold E. Edgerton** (1903---) - Estudou na Universidade do Nebraska e, posteriormente, no Massachusetts Institute of Technology, instituição à qual estaria ligado toda a sua vida, como investigador, professor e académico, e onde fez as suas primeiras experiências com o uso da luz estroboscópica na fotografia que o tornou célebre, por lhe ter permitido parar movimentos no tempo e gravá-los em imagens fotográficas. O seu trabalho demonstra um equilíbrio perfeito entre arte e ciência.

### I.3.4. Dadaísmo, Schadografia e Surrealismo

O movimento Dadaísta<sup>8</sup>, faculta a que os seus membros sejam os primeiros a servirem-se da fotografia como material para criar uma nova entidade com a ajuda de estruturas bastante diversas. Proporciona a John Heartfield<sup>9</sup> o desenvolvimento da fotomontagem, começando este, a trabalhar na sua produção de fotomontagens e a desenvolver, a partir desta produção, uma linguagem revolucionária e perturbadora com a aplicação de textos impressos e fotografias, com a qual se manifestava com a sua campanha anti nazista (fig.16). Este movimento acolhe também, uma outra manifestação fotográfica, a partir dos trabalhos de Christian Schad - a schadografia (fig.17). Esta surge em 1918, sendo resultante da junção das técnicas do fotograma e da colagem ou montagem de vários materiais e objetos justapostos, sujeitos a exposições diretas sem intermediário ótico.



Fig. 16 - “Não se preocupe - ele é vegetariano”, J. Heartfield, 1930

---

<sup>8</sup> **Dadaísmo** - movimento internacional florescente entre 1915 e 1922 cujas principais manifestações, no campo da literatura e das artes plásticas, defendendo o regresso ao espontâneo do mundo da infância.

<sup>9</sup> **John Heartfield** (1891-1968) - ou Helmut Herzfeld trabalhou sempre em prol da denúncia da perseguição aos judeus e a da cooperação indústria alemã para financiar o Holocausto. Pintor judeu é considerado como um dos nomes percursores do design gráfico e da publicidade moderna devido às suas campanhas antinazistas.

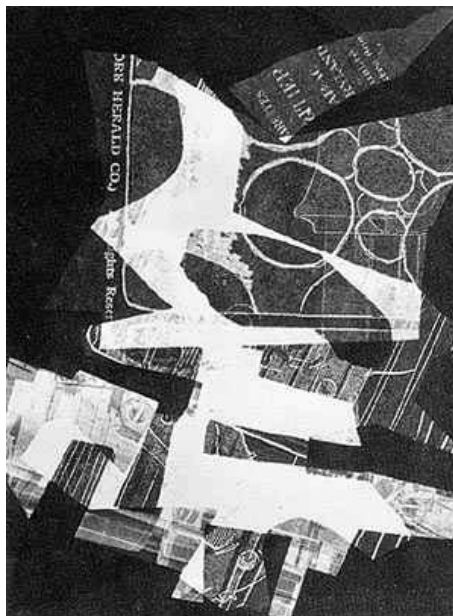


Fig. 17 - "Shadografia", C. Schad, 1918

Fundador do grupo Dadaísta em Nova Iorque, juntamente com Marcel Duchamp, Man Ray foi um dos mais importantes nomes para o movimento da década de 20 - o Surrealismo. Escultor e pintor abstrato, começa a trabalhar como fotógrafo independente, por volta de 1915, para cobrir as despesas da pintura, indo posteriormente para Paris, onde, em 1924, adere ao movimento Surrealista, e trabalha com vários artistas deste movimento, dedicando-se sobretudo à pintura e fotografia, embora também tenha realizado alguns filmes. A sua versatilidade fez com que fizesse algumas experiências no campo da fotografia das quais resultam os *raioogramas* (objetos colocados diretamente sobre o papel emulsionado, técnica já desenvolvida por Talbot) e a *solarização*<sup>10</sup> (fig. 16), sendo esta última responsável por M. Ray ser reconhecido mais como fotógrafo do que pintor, dentro da linha surrealista.



Fig. 18 - "Mulher adormecida", solarização, Man Ray, 1931

<sup>10</sup> A *solarização* consiste na inversão dos valores tonais de algumas áreas da imagem fotográfica, que pode ser obtido basicamente através da rápida exposição à luz da imagem durante seu processamento.

Philippe Halsam<sup>11</sup>, é também um nome a destacar na fase surrealista da fotografia. Considerado como um dos fotógrafos retratistas mais originais (fig. 17) e inventivos do séc. XX, embora tenha executado vários trabalhos para a revista *Life* (enquanto permaneceu nos EUA) destacou-se nos vários projetos que realizou com Salvador Dali, durante mais de 30 anos, onde são expressas as ideias do pintor através da fotografia (fig. 18).

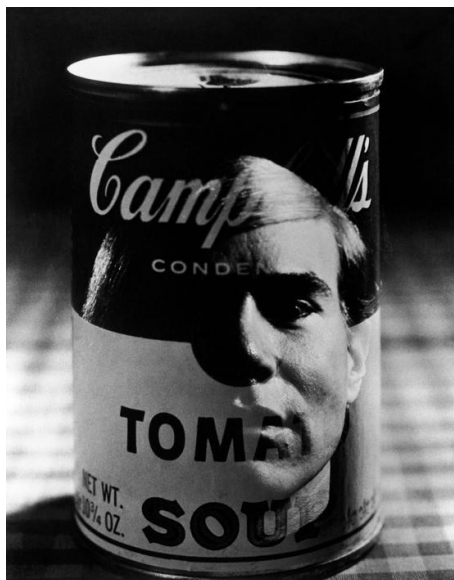


Fig. 19 - “Andy Warhol”, P. Halsman, 1968



Fig. 20 - “Dali Atomicus”, P. Halsman, 1948

---

<sup>11</sup> P. Halsman (1906-1979) - Estudou engenharia elétrica em Dresden, estabeleceu-se como fotógrafo independente de moda e retratos em 1928, quando foi para Paris. Fotografou e retratou nomes como Alfred Hitchcock, Einstein e Andy Warhol.

### I.3.4. Bauhaus

A Bauhaus<sup>12</sup>, inaugurada em 1919, em Weimar, também teve direito ao seu papel no desenvolvimento da linguagem expressiva da fotografia. Tendo como filosofia reconciliar a técnica e a estética, de forma a coordenar todas as artes para a produção em serie de qualquer objeto, inicialmente, devido à profissão do seu fundador, sobreavalia-se a arquitetura considerando-a como uma arte maior, sendo as outras artes plásticas (como a pintura, a escultura e também a fotografia), consideradas secundárias. Assim, a fotografia fica ao serviço da arquitetura, sendo inspirada pelas tendências estéticas que identificam as construções da época, pelas linhas e pelas formas muito geométricas. Sendo a Bauhaus uma escola que admite a vontade de pesquisa e de experimentação, a fotografia aqui produzida, é também alvo de experiências, no que respeita a novos ângulos para os registos fotográficos, de processos de impressão não habituais. Fotomontagens originais (fig.19), como as de Marianne Brandt<sup>13</sup>, encorajam a exploração de novas formas, mais do que novos temas, sendo considerada como uma tendência vanguardista, como o já referido Man Ray. Uma das inovações da Bauhaus é ter, de forma sistemática, “aplicado” a arte nas diversas vertentes documentais, decorativas e publicitárias. Um dos nomes que contribui para esta tendência é László Moholy-Nagy, professor na Bauhaus, que embora trabalhasse como diretor da oficina de metais, destacou-se na produção de fotografias, fotogramas, desenhos, esculturas e ensaios teóricos, aprofundando as capacidades criativas na sobreposição de formas diante de uma fonte de luz (fig.20). A destacar, estão também os trabalhos gráficos desenvolvidos na Bauhaus, que adquirem uma linguagem muito característica, baseados nos trabalhos do construtivista Alexander Rodchenko<sup>14</sup>, que utilizava a fotomontagem nos seus trabalhos de ilustração, sendo os enquadramentos oblíquos e a captura de vistas em planos picados de paisagens urbanas e fabris características patentes (fig. 21).

---

<sup>12</sup> Instituição docente alemã e centro de investigação para o ensino da arquitetura e especialidades com elas relacionadas. Fundada em Munique por Walter Gropius (1919), passou para Weimar e Dessau (1925), estando em 1932 em Berlim. Foi extinta em 1933 pelo regime nacional-socialistas. Durante o regime nazi, muitos dos seus membros passaram para a América, onde em 1937 fundaram a Nova Bauhaus.

<sup>13</sup> <http://bauhaus-online.de/en/atlas/personen/marianne-brandt>

<sup>14</sup> **A. Rodchenko** (1891 - 1956)- artista plástico, escultor, fotógrafo e designer gráfico russo, foi um dos fundadores do construtivismo russo e do design moderno russo.



Fig. 21 - “Tempo - Tempo - Progresso - Cultura”, Marianne Brandt, 1927



Fig. 22 - “Fotograma” László Moholy - Nagy, 1925)



Fig. 23 - Cartaz do filme “Couraçado Potemkin”, A. Rodchenko, 1925

### I.3.5. A fotografia na segunda metade do século XX

Não descurando da importância que o recurso à fotografia teve no desenvolvimento de alguns movimentos artísticos, como o futurismo e o impressionismo, é na segunda metade do século XX, que a imagem fotográfica se destaca perante a nova sociedade tornando-se o seu elemento caracterizante, pois é nesta altura que se acentua e valoriza no mercado, a fotografia como meio de expressão artística. Após a Segunda Guerra Mundial, gera-se o interesse pela abstração, o que leva alguns fotógrafos a expressarem-se através de composições não figurativas, onde o autor isola ou seleciona formas reais e abstratas em simultâneo. Pinturas estaladas e metal corroído são apenas dois dos exemplos de materiais que oferecem imagens para este efeito (fig.24), sendo Aaron Siskind<sup>15</sup> um dos fotógrafos exploradores desta temática que se assemelha, por exemplo, à pintura de Jackson Pollock<sup>16</sup> (fig.25). Posteriormente, em 1959, Brassai<sup>17</sup>, expõe em nova lorque, as suas fotografias de graffiti capturadas nas ruas de Paris, resultando mais um objeto *trouvé* surrealista.

<sup>15</sup> **Aaron Siskind** (1903-1991), é uma das figuras emblemáticas da fotografia modernista norte-americana, que a partir da década de 40, e sob a influência do movimento abstrato-expressionista na pintura, passou a desenvolver uma fotografia tendencialmente abstrata.

<sup>16</sup> **Jackson Pollock** (1912-56), é considerado o mais importante representante do expressionismo abstrato e da técnica do drip paintings (gotejamento). Pintava com a tela no chão, pondo de parte os pincéis e os cavaletes, e desta forma dizia sentir-se dentro da obra; as suas pinturas partiam do pingo de tinta derramada sobre o quadro.

<sup>17</sup> **Brassai** (1899-1984), Estudou arte em Budapeste e Berlim (1920-1923) e mais tarde frequentou círculos que incluíam artistas plásticos como Kandinsky, Kokoschka e Moholy-Nagy.



Fig. 24 - “Chicago”, A. Siskind, 1948



Fig. 25 - “Pintura”, J. Pollock, 1948

Dá-se nesta altura o triunfo dos fotógrafos independentes como *Robert Frank*<sup>18</sup> e *Diane Arbus*<sup>19</sup>, ambos retratistas da realidade social americana (figuras 6 e 7); *Bernd e Hilda Becher*<sup>20</sup> que se aproximam das correntes conceptualistas com as suas tipologias (figura 8); *Jeff Wall*<sup>21</sup> e *Thomas Ruff*<sup>22</sup> ambos com tendências hiper-realistas (figuras 9 e 10); *Cindy Sherman*<sup>23</sup> (que desenvolve uma obra autobiográfica, questionando desta forma o papel na

---

<sup>18</sup> **Robert Frank**, (1924) de nacionalidade suíça, é uma figura muito importante na Arte da Fotografia nos EUA. Seu trabalho mais conhecido é o livro *The Americans*, onde retrata o quotidiano da população americana.

<sup>19</sup> **Diane Arbus** (1923 - 1971), escritora e fotógrafa Americana, foi célebre pelos seu retratos a preto e branco onde o tema principal eram pessoas marginalizadas (gigantes, transformistas, nudistas e artistas circenses) ou pessoas com aparência feia ou surreal.

<sup>20</sup> **Bernd e Hilla Becher**, casal de artistas alemães que começaram a trabalhar juntos em 1959 e que se casaram 1961, são conhecidos pelas suas “tipologias” (esquemas de fotografias a preto e branco de diversos exemplos de um mesmo tipo de construção industrial).

<sup>21</sup> **Jeff Wall** (1946) artista canadiano conhecido pelos seus trabalhos fotográficos onde existe uma mistura de beleza natural, degradação urbana pós moderna e industrial de Vancouver.

<sup>22</sup> **Thomas Ruff** centrou-se no estudo das técnicas fotográficas e na manipulação da percepção, mas a sua fotografia também usa como tema a história recente da Alemanha bem como questões políticas de relevo

<sup>23</sup> **Cindy Sherman** (1954), é uma fotógrafa americana que direciona o seu interesse para a fotografia como meio de expressão apropriado à sociedade, dominada pelos meios de comunicação. O seu trabalho

sociedade contemporânea), e por fim *Andy Warhol*<sup>24</sup> grande impulsionador da Pop Art. Francis Bacon<sup>25</sup>, realiza a sua série de caras distorcidas a partir de um fotograma do filme “Couraçado de Potemkin”, de Eisenstein e do retrato do “Papa Inocência X”, de Velázquez (fig.26), e estudos inspirados na fotografia de Muybridge. Só posteriormente, na década de 60, é que Andy Warhol explora, nos seus trabalhos, a relação entre a expressão artística, a cultura da celebridade e propaganda que floresceu nesta década. Inicialmente, Warhol, dedicou-se à ampliação e fragmentação de pequenos anúncios publicitários e de produtos de marca, surgindo daqui as primeiras séries de quadros das latas de sopa Campbell, e só mais tarde no encontro de um estilo muito próprio, é que descobre que poderia imprimir fotografias em telas e em outros grandes suportes, através da serigrafia. Foi aqui que surgiu a *Factory*, local onde realiza a reprodução dos seus trabalhos, onde faz a suas séries das grandes estrelas como Marilyn Monroe (fig. 34) e John Lennon, desenvolvendo depois as séries a partir de fotografias de vítimas anónimas de acidentes e de suicidas, que teriam obtido os seus “15 minutos de fama”, pelas notícias dos jornais. Pode-se dizer que, nesta década, desenvolve-se uma grande troca entre o trabalho do fotógrafo e do artista plástico. Enquanto os fotógrafos usam técnicas manuais de manipulação de imagens, como os retoques e pinturas de negativos e de cópias, os pintores tentam imitar cada vez mais a visão fotográfica, introduzindo fotografias pela colagem ou pelo método da serigrafia.



Fig. 26 - “Trolley-New Orleans”, Robert Frank, 1955

fotográfico é composto por fotografias dela própria a desempenhar o papel de vários estereótipos de mulher, baseadas em fontes de cultura popular, como filmes antigos, telenovelas e revistas sensacionalistas, e em diversos cenários.

<sup>24</sup> **Andy Warhol** (1928 - 1987) - artista americano que foi uma figura de destaque no movimento artístico conhecido como pop art. Nos seus trabalhos explora a relação entre a expressão artística, a cultura da celebridade e propaganda que floresceu na década de 1960. Depois de uma bem-sucedida carreira como ilustrador comercial, Warhol tornou-se um artista renomeado por vezes controverso.

<sup>25</sup> **Francis Bacon** (1909-1992) - artista autodidata e experimentalista, tem como objetivo desvincular-se da estética clássica, na deformação constante da figura humana nas suas obras, sendo o seu trabalho conhecido como audaz, austero e grotesco.



Fig. 27 - “Criança com uma granada de mão de brinquedo no Central Park”, Diane Arbus, 1962

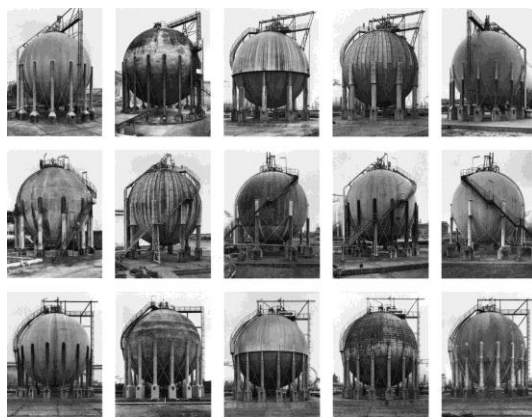


Fig. 28 - “Depósitos de gás”, Bernd e Hilla Becher, 1983-1992



Fig. 29 - “A invisible man”, Jeff Wall



Fig. 30 - Exposição de retratos realizados por Thomas Ruff



Fig. 31 - "Sem título", Cindy Sherman, 1980



Fig. 32 - Esquerda: "Interpretação do Papa Inocencio X", Francis Bacon, 1953  
Centro: "Papa Inocencio X", Velazquez, 1650  
Direita: fotograma do filme "Couraçado de Potemkin", de Eisenstein, 1925



Fig. 33 - “Marilyn”, A. Warhol, 1964

Nos finais da década de 60, surge nos Estados Unidos, como reação à arte abstrata e minimalista, o Fotorrealismo, em que os artistas davam prioridade à produção obras extremamente fiéis à realidade, que chegam a ser confundidos com fotografias de alta resolução.

O Fotorrealismo no caso da pintura, é um estilo parte de uma fotografia (tem apenas um ponto focal), e que por intermédio de um projetor de diapositivos, os pintores copiam para a tela, reproduzindo depois as cores com precisão fotográfica (não mostram textura ou pinceladas), pretendendo desta forma, sondar a aparência superficial do mundo com uma reprodução minuciosa. Tentava-se desta forma valorizar o vulgar e devolver à imagem os valores que se pensavam perdidos na fotografia. Os fotorrealistas fazem-no através das suas pinturas e esculturas em grande escala, nas quais retratavam pessoas vulgares, e sem beleza cónica, e onde as imperfeições se tornavam perfeitas. Nomes como Chuck Close<sup>26</sup> (fig.34 e 35), Richard Estes<sup>27</sup> (fig.36) e Duane Hanson<sup>28</sup> (fig.37), são representantes deste movimento.

---

<sup>26</sup> **Chuck Close** (1940) - é um pintor e fotógrafo americano que alcançou a fama através do hiper-realismo com retratos de grande escala. Em 1965, começa a trabalhar a partir de fotografias sendo a sua primeira exposição individual realizada em Nova Iorque, em 1970. É também nesta época que os seus retratos começam a ganhar reconhecimento

<sup>27</sup> **Richard Estes** (1932) - As suas obras consistem em reflexos de cidades. É considerado um dos fundadores do movimento foto-realista dos anos 1960. As suas obras são maioritariamente paisagens urbanas e vistas de ruas durante o dia, muitas vezes desertas.



Fig. 34 - Chuck Close, durante a execução da obra “Mark”, 1979



Fig. 35 - Esquerda: “Mark”, Chuck Close, 1979;  
Direita: pormenor da pintura.

<sup>28</sup> Duane Hanson (1925) - Este escultor é conhecido pelas obras realistas que produz, expressas em vários materiais como por exemplo resina de poliéster, fibra de vidro ou bronze. O seu trabalho é associado tanto à Pop Art, como ao Hiper-realismo. Em 1966, Hanson lançava figuras usando fibra de vidro e vinil, nas suas obras, geralmente o tema era brutal e violento,



Fig. 36 - "Nedick's", Richard Estes, 1970



Fig. 37 - "Auto retrato com modelo", Duane Hanson, 1979

Nos anos 70, a fotografia ganha mais importância como obra de arte. As fotografias começam a ser produzidas cada vez mais em formato de livro e são exibidas nas galerias e nos museus, podendo ser adquiridas por colecionadores. A fotografia é finalmente reconhecida como uma manifestação artística, tal como a pintura, a música e a escultura (entre outras), e passa a ser uma disciplina de estudo a nível académico.

A partir dos anos 80 à atualidade, a fotografia é cada vez mais vista como um produto cultural, mas também é tida como uma forma de transmitir mensagens políticas e sociais, tornando-se também uma ferramenta crucial para a publicidade. Recorre-se novamente a técnicas antigas de reprodução para serem utilizadas na criação de imagens mais elaboradas, recorrendo-se à edição limitada das cópias, de forma a valorizar mais a fotografia. É também nesta altura que surge a fotografia digital, que veio revolucionar a forma de produção da fotografia. A artista americana Nancy Burson, foi nesta década, pioneira na utilização de técnicas digitais no que respeita à manipulação de imagem, criando retratos fotográficos híbridos por computação, misturando os dados de várias imagens para obter uma outra (fig.38), resultando numa série de trabalhos à qual chamou de “Composites” que contou com a colaboração de dois cientistas, Richard Carling e David Kramlich, que desenvolveram um software de manipulação de imagem que deu origem a esta tipologia de fotografia. Posteriormente, estes recursos utilizados por Burson, são aplicados também na indústria cinematográfica e na produção de vídeos.



**Fig. 38 - “Beauty Composite (Jane Fonda, Jacqueline Bisset, Diane Keaton, Brooke Shields, and Meryl Streep)”, Nancy Burson, 1984.**

No início do século XXI, surge como movimento artístico o Hiper-realismo, como evolução do Fotorrealismo, complementando-se sempre com a fotografia<sup>29</sup> e concentrando-se ainda mais no detalhe. Assume-se como um a corrente autónoma que procura desenvolver uma linguagem de dimensão mítica e monumental. É a criação de uma falsa realidade baseada na simulação da realidade, que se deve à invenção de máquinas fotográficas digitais de alta resolução, que permitem obter as imagens e a sua visualização em computador.

Os hiper-realistas para conseguirem reproduzir todos os detalhes e vibrações cromáticas e texturais, utilizavam com frequência o aerógrafo e recorriam, tal como no fotorrealismo, à projeção de diapositivos onde projetavam a imagem a reproduzir sobre a tela. O detalhe na representação é tanto, que chega a ser superior ao da imagem que lhe deu origem, dando a sensação de que os objetos pareçam quase vivos e palpáveis.

No que respeita à temática, o Hiper-realismo, ao contrário do Fotorrealismo que tentava ser o mais imparcial possível, vêm-se tratados temas de cariz social, cultural e político<sup>30</sup>, em que autores como Paul Cadden<sup>31</sup> (fig.39), Denis Peterson<sup>32</sup> (fig.40), Tom Blackwell<sup>33</sup> (fig.41), Alyssa Monks<sup>34</sup> (fig.42) e Ron Mueck<sup>35</sup> (fig.43) aplicam nas suas obras plásticas.

---

<sup>29</sup> O seu modelo é uma fotografia ou mesmo o ser humano sendo representado através da pintura, escultura e outras artes.

<sup>30</sup> Os temas vão desde retratos, arte figurativa, paisagens naturais, paisagens citadinas até cenas narrativas.

<sup>31</sup> **Paul Cadden** (1964) - Hiper-realista escocês, os seus retratos hiper-realistas são feitos geralmente em A1, ou A0 e são criados normalmente apenas com a utilização de lápis, embora às vezes ele também recorra a carvão.

<sup>32</sup> **Denis Peterson** - Foi dos primeiros hiper-realistas a emergir em Nova York. É conhecido também pela sua importância como pioneiro do movimento Hiper-Realista. Os seus trabalhos são reconhecidos por serem provocadores e em termos técnicos pela sua subtil transição de cores, perspectiva ilusórias e pelas suas complexas composições.

<sup>33</sup> **Tom Blackwell** (1938) - Começou como abstrato-expressionista, mas logo ficou encantado com a Art Pop. Produziu um considerável conjunto de trabalho baseado na motocicleta, bem como outros veículos, como aviões.

<sup>34</sup> **Alyssa Monks** (1977) - pintora Hiper-realista que já ganhou vários prémios com os seus trabalhos. Procura abordar de uma forma diferente os trabalhos tradicionais que retratavam mulheres no banho, nas suas obras, as mulheres estão encostadas contra uma “janela” de vidro

<sup>35</sup> **Ron Mueck** (1958) - Começou por fazer figuras, marionetas para programas televisivos e filmes infantis, só mais tarde decidiu criar a sua própria indústria de publicidade onde criava adereços muito detalhados e eram para serem vistos de um certo ângulo e foi isso que o fez cada vez mais querer criar esculturas hiper-realistas. As suas esculturas são de muito maior escala do que a realidade porque ele queria jogar com essa confusão visual, através da utilização meticulosa de resinas de poliéster e moldes múltiplos.



Fig. 39 - Esquerda: "After", Paul Cadden;  
Direita: pormenor da obra.



Fig. 40 - "Vortex", Denis Peterson, 2008



Fig. 41- "*Red Lightning*", Tom Blackwell 2002

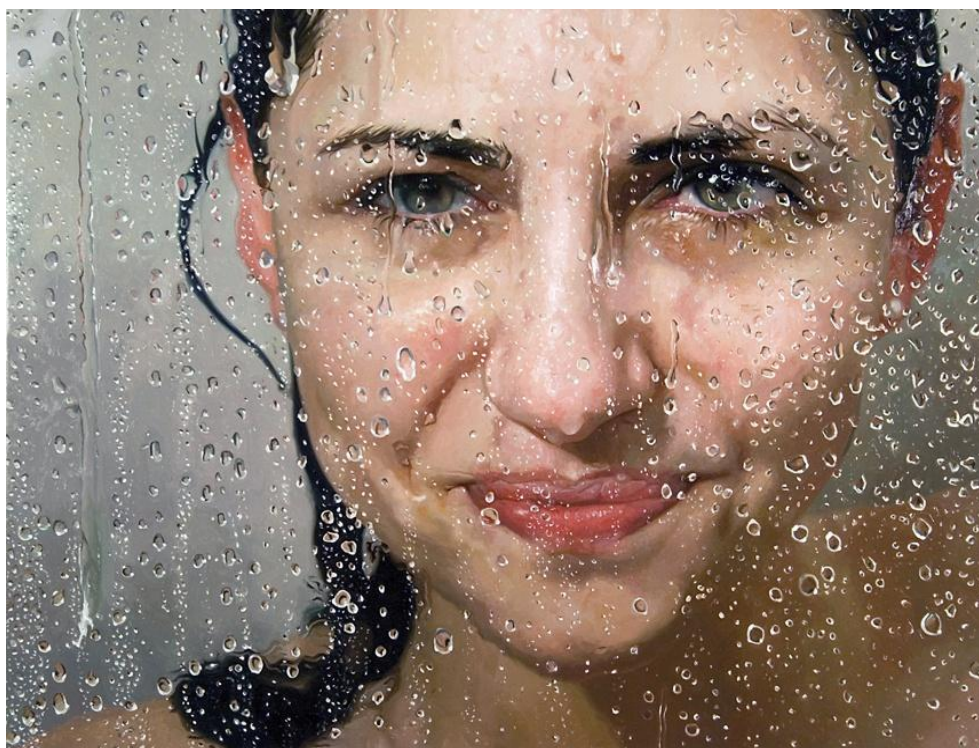


Fig. 42 - "*Smirk*", Alyssa Monks, 2009



Fig. 43 - Esquerda: “Big Man”, Ron Mueck, 2000  
Direita: Pormenor da obra.

Na atualidade, pode-se dizer que o ato de fotografar, está completamente democratizado devido ao fácil acesso as câmaras fotográficas (qualquer telemóvel tem uma incorporada). A relação entre a arte e a fotografia está dependente das tecnologias e do que elas nos podem oferecer para tornar uma mera imagem num trabalho criativo. Já não há revistas que publiquem fotografias sem que estas sejam retocadas em ferramentas como o Photoshop, para que fique a *imagem perfeita*, ou artistas criativos que não utilizem esta mesma ferramenta para criar imagens virtuais, tornando esta prática na sua arte. Pode-se afirmar que há uma procura constante de um novo conceito de fotografia, e a abertura de novas perspetivas para novos cruzamentos da fotografia com a arte, que acompanha o progresso das tecnologias



## **CAPÍTULO II. A fotografia na sala de aula**

No ensino das artes, tal como das outras áreas, a comunicação entre professor e aluno, e vice-versa, desempenha um papel importante para um bom funcionamento de aula bem como para o sucesso do aluno enquanto estudante e do professor enquanto educador. No entanto, por vezes é necessário recorrer a outros meios comunicativos para além da oralidade ou de escrita para facilitar a melhor compreensão da mensagem por parte de quem a recebe.

Nas artes visuais, a imagem é um elemento crucial para o ensino das mesmas, pois é através dela que se baseia toda a sua aprendizagem. Desde o aprender a observar ao conseguir representar.

O aluno de artes visuais precisa de trabalhar e desenvolver a sua criatividade, e este processo deve ser aplicado através de trabalho realizado nas escolas. É necessário que ele perceba que a arte está associada ao belo, às exposições, à estética e aos museus, para além de ser forma de expressão. Na falta de recursos ou indisponibilidade por parte das escolas, para promover visitas de estudo a locais como, museus ou exposições, cabe ao professor criar e realizar estratégias para familiarizar os alunos com as obras dentro da sala de aula. A mostra de fotografias e imagens são talvez a forma mais utilizadas para este efeito, sendo também das mais eficazes para a elucidação dos alunos relativamente à matéria ou exemplo que se lhes pretende aplicar.

### **II. 1. A fotografia como canal de criatividade nas aulas de Oficina de Artes**

#### **II.1.1- Enquadramento do programa de Oficina de Artes**

A disciplina de Oficina de Artes (OFA), integra o plano de estudo do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais - componente de formação específica - e constitui-se como disciplina de opção do 12º ano com uma carga horária de 3 unidades letivas de 90 minutos semanais.

A inserção de Desenho A no plano de estudo do Curso de Artes Visuais, como disciplina estruturante e trienal da componente de formação específica, permitiu que alguns dos conteúdos formativos anteriormente propostos pela OFA fossem reintegrados nessa disciplina. Deste modo, à OFA compete abordar as áreas de expressão e concretização plásticas bi- e tridimensionais, associadas aos fenómenos da comunicação visual, tendo como temas estruturantes a linguagem plástica, materiais, suportes, instrumentos e técnicas de expressão e representação.

O programa de OFA pretende proporcionar aos alunos a aquisição e o desenvolvimento de saberes no âmbito das artes visuais, tais como a desenvoltura técnica, criativa, metodológica e experimental do aluno. (Anexo I)

Com a apresentação extensa das áreas de intervenção apresentadas pelo programa da disciplina de OFA, pode-se verificar que não é possível abordar todas as propostas de desenvolvimento apenas num só ano letivo (o ideal seria três anos), bem como, se pode verificar a possibilidade de falta de recursos nas escolas para a lecionação de áreas como a fotografia ou videografia por falta de equipamento ou por falta de laboratórios para o trabalho de revelação fotográfica, o que por vezes torna complicado desenvolver alguns conteúdos de exploração prática.

### **II.1.2. A fotografia como utensílio de trabalho na aula de Oficina de Artes**

O recurso à apresentação de imagens na sala de aula, é uma prática comum entre os professores, independentemente da disciplina que se leciona. Nas artes visuais, a imagem é um elemento fundamental, tanto para a comunicação do professor, quando a utiliza como forma exemplificativa, como para abrir os canais de perceção dos alunos ao verem as imagens que lhes são apresentadas.

Nas aulas de OFA, a função da imagem não é diferente, mas desempenha um outro papel, que é o de ponto de partida para o aluno desenvolver o seu trabalho, dependendo da proposta que lhes é feita.

Durante o ano letivo 2012/2013, durante o período de estágio na Escola Secundaria Campos Melo, do qual se falará na segunda parte deste trabalho, foi possível observar a forma como a turma do 12º do Curso Humanístico de Artes Visuais (CCHAV) trabalhava, verificando-se que após a apresentação dos conteúdos e proposta do trabalho a desenvolver em sala de aula, os elementos da turma recorriam ao computador para pesquisa de imagens, para selecionarem aquela que seria o ponto de partida para a execução da tarefa proposta.

Sendo um dos conteúdos programáticos da disciplina a abordagem dos elementos estruturais da linguagem plástica, ponto, linha e textura, foi proposto à turma a exploração destes da forma que achassem mais criativa, recorrendo aos materiais que quisessem, tendo apenas o cuidado de reproduzir sempre a mesma imagem na prática dos três elementos, respeitando os valores lumínicos e cromáticos da imagem original.

Dadas as diretrizes da proposta, os alunos imediatamente recorreram aos computadores disponíveis na sala, para realizarem na internet uma pesquisa de imagens e selecionar uma do seu agrado, sobre a qual iam trabalhar. Após esta etapa, os alunos reproduziram a imagem num suporte à escolha (todos escolheram a folha de papel para o primeiro trabalho), e na

qual aplicariam os conteúdos (fig.44 e 45). Como já foi referido anteriormente, a utilização de fotografias para a sua representação em trabalhos de artísticos de pintura, tornou-se prática comum. Esta prática em sala de aula pode e deve ser aplicada em OFA principalmente se o objetivo principal é de explorar e praticar a técnica, aprofundando os conhecimentos de técnicas de registo de observação adquiridos na disciplina de Desenho A permitindo ao aluno fazer uso das mesas de luz e de projetores para passarem os contornos principais da imagem. Muitos dos alunos da turma, na temática do programa criação/ interpretação de um objeto tridimensional, transportaram a mesma imagem, trabalhada antes com os elementos estruturantes da linguagem plástica, para o novo projeto que cada um desenvolveu, de forma a manter e relacionar os trabalhos efetuados durante o ano letivo, o que acabou por funcionar também como reforço da identidade dos próprios alunos (fig.46).



Fig. 44 - Aluno a aplicar a técnica do ponto, com a imagem original ao lado.



Fig. 45 - Esquerda para a direita: trabalho final do Ponto, Linha e Textura.

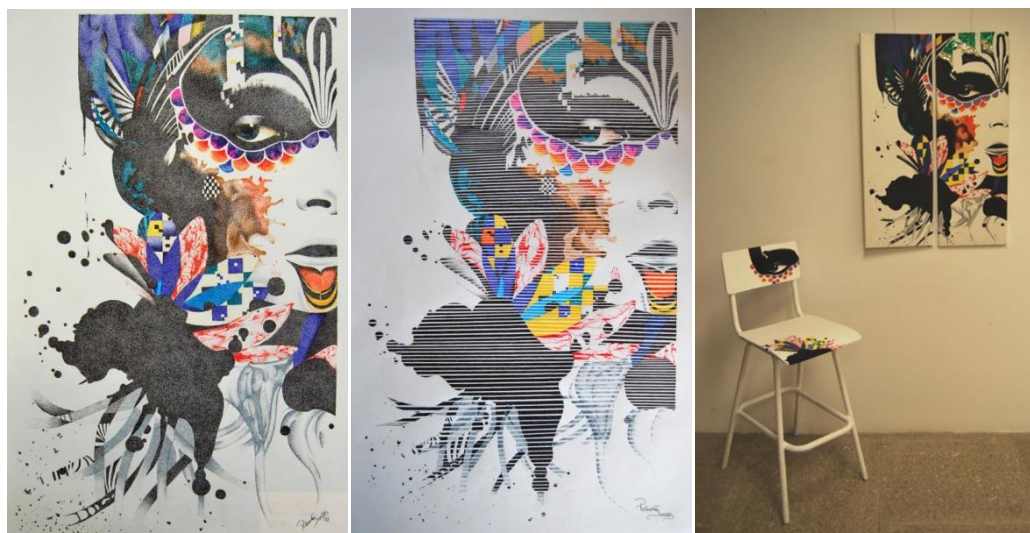


Fig. 46 - Da esquerda para a direita: Trabalho Ponto, Linha, Objeto Tridimensional e Textura.

Em experiência anterior, da autora deste relatório, como docente em outra escola no ensino regular (Agrupamento de escolas de Seia), no ano letivo 2010/2011 foi possível trabalhar com alunos do CCHAV no âmbito da disciplina em questão, executando outro tipo de trabalhos. A estes alunos foi proposto a realização de uma animação em *stop-motion*, para a qual teriam que criar a história, cenários (fig.47) e personagens, que fotografaram posteriormente frame a frame, para produzirem a animação, tendo como objetivo abordar a forma de representação expressiva e rigorosa das formas e do espaço, de forma a desenvolver as competências nos domínios da representação bi- e tridimensional, as técnicas de modelação e exploração da plasticidade dos mais diversos materiais, patentes no programa de OFA.

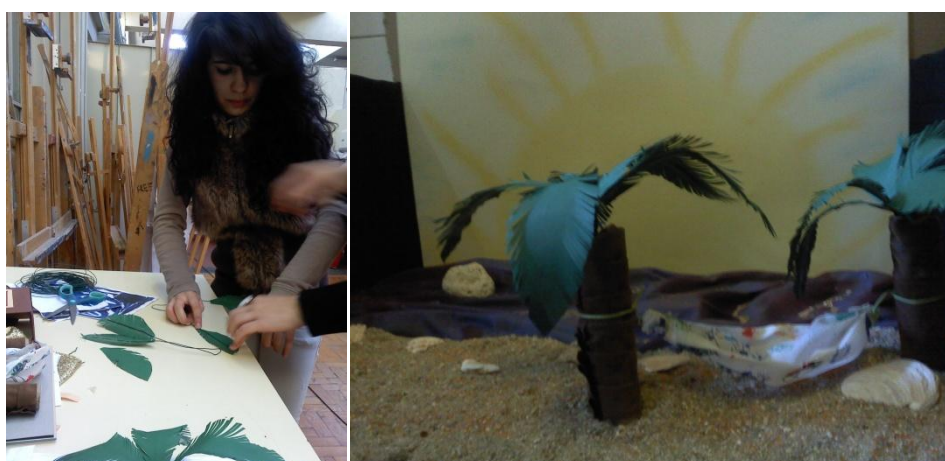


Fig. 47 - Alunos na construção de componentes tridimensionais para um cenário, e cenário montado para iniciação de captação de fotografias para o stop motion.

Neste caso, o trabalho não foi realizado individualmente, mas em grupo, devido à complexidade das tarefas que compõem o projeto. Os alunos ficaram livres de escolher o material a utilizar para a realização da proposta, obtendo-se no final, resultados bastante satisfatórios para os alunos e professores.

Estes são apenas dois exemplos de trabalho que se pode realizar em contexto de aula de OFA, recorrendo à fotografia, no entanto, esta tem outras potencialidades para a criação de propostas de trabalho, como fotomontagens em conjunto com a pintura, representação de imagens na prática do alto e baixo-relevo, em madeira, barro ou gesso, entre outras tantas, podem resultar em projetos interessantes e bastante apelativos à criatividade artística dos alunos do CCHAV.

## **II.2. Proposta/Descrição/Planificação de atividades**

### **A. Fotogramas**

Esta é uma atividade que consiste na criação de composições plásticas explorando os conhecimentos de materiais, suportes e instrumentos, utilizando material fotográfico, tendo como objetivo integrar o aluno em obras de expressividade artística, recorrendo à prática da técnica fotográfica.

Numa fase inicial, serão expostos aos alunos os conteúdos teóricos da UT, através de uma exibição em PowerPoint da matéria que depois terão que colocar em prática. Serão ainda visualizados e analisados exemplos de trabalhos de vários artistas, como Man Ray, para que possam ter um ponto de referência para iniciação dos fotogramas.

Na fase seguinte, e já no espaço do laboratório de fotografia, o professor irá exemplificar a execução de todo o processo (preparação de líquidos e cuidados a ter com estes, tempos de espera, exposições, revelações, ajustes do ampliador, etc.), para no passo seguinte da aula sejam eles a por em prática o que viram. Este processo consiste na colocação sobre a prancheta de um ampliador uma folha de papel fotográfico, sobre a qual se dispõem vários objetos, de modo aleatório ou intencional. Consoante o grau de opacidade e efeito contrastante que se pretenda, pode-se usar uma placa de vidro sobre os objetos expostos sobre o papel, para que se “colem” o mais possível ao suporte fotossensível. Caso se deseje um efeito esfumado, pode-se obter este efeito pairando os objetos sobre o papel fotográfico. O feixe de luz do ampliador, com conta, peso e medida, irá criar a obra.

Apresenta-se a seguir, um exemplo de planificação para aplicar esta atividade:

## Planificação A

<b>Atividade:</b>	<b>Realização de fotogramas</b>
	<b>Materiais, suportes e instrumentos</b>
<b>Temas e conteúdos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Materiais - Origens e Composição;</li> <li>• Suportes - Características, Dimensões e Funções;</li> <li>• Instrumentos - Características e Funções.</li> </ul>
<b>Objetivos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar a origem e composição de materiais diversificados;</li> <li>• Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica.</li> </ul>
<b>Competências:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projeção e execução de projetos nas áreas;</li> <li>• Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi- e tridimensionais.</li> </ul>
<b>Recursos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Laboratório;</li> <li>• Ampliador;</li> <li>• Papel fotográfico;</li> <li>• Três tinas;</li> <li>• Três pinças;</li> <li>• Líquidos: revelador, banho de paragem, fixador e água.</li> <li>• Objetos transparentes;</li> <li>• Objetos opacos;</li> <li>• Objetos semitransparentes.</li> </ul>
<b>Estratégias/ Procedimentos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos conceitos teóricos para aplicação prática;</li> <li>• Apresentação de um PowerPoint com exemplos de trabalhos, e percurso histórico da técnica;</li> <li>• Exemplificação prática do processo;</li> <li>• Início e orientação dos trabalhos dos alunos.</li> </ul>
<b>Duração:</b>	3 blocos de 90 minutos

Exemplos:

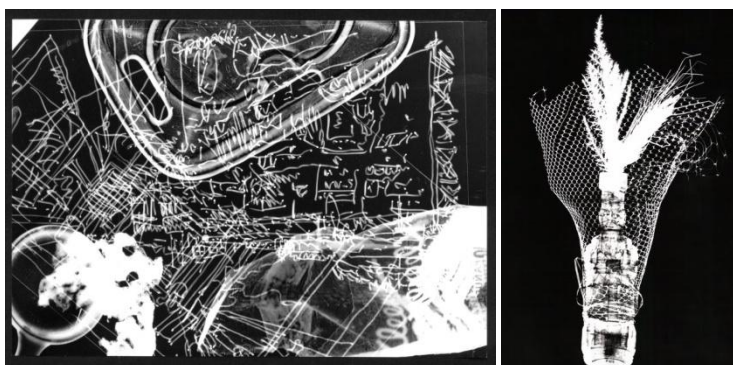


Fig. 48 - Fotogramas (autor desconhecido)

## B. Solarização

A atividade que se segue, tal como a anterior, consiste na criação de composições e expressões plásticas através da exploração e conhecimento dos materiais, suportes e instrumentos, utilizando-se para o efeito, técnicas fotográficas, objetivando que o aluno desperte para a expressividade artística, desenvolvendo a sua capacidade crítica e os seus valores e conceitos estéticos.

Da mesma forma que a anterior, na fase inicial, serão expostos aos alunos os conteúdos teóricos da UT, através de uma exibição em PowerPoint, onde serão ainda visualizados e analisados exemplos de trabalhos de artistas influentes na técnica, como Armand Sabattier e Man Ray, como ponto de partida para a realização dos trabalhos.

Posteriormente, em laboratório será efetuada uma demonstração prática, onde os alunos poderão visualizar o processo para obtenção do resultado pretendido com os trabalhos a executarem. A técnica da solarização, tratada nesta proposta de aula, consiste na exposição ao sol, por alguns momentos, do papel fotossensível já revelado, com o intuito de se alterar a imagem, na qual irá surgir um contorno escuro à sua volta, invertendo desta forma os seus tons.

É de salientar que nesta atividade, para além do material de laboratório, o aluno terá que utilizar uma câmara fotográfica, ou na falta desta, o professor pode sugerir uma outra atividade, dentro desta proposta inicial - a fabricação de uma pinhole (câmara escura simples construída a partir de uma caixa de sapatos, lata, etc.). Se for este o caso, a aula deverá crescer no tempo de duração da atividade.

Após a exemplificação do processo, os alunos terão que captar as suas próprias fotografias, e colocar em prática o que foi exposto e exemplificado pelo professor.

Para esta atividade, foi realizada a seguinte proposta de planificação:

## Planificação A

<b>Atividade:</b>	<b>Realização de uma fotografia solarizada</b>
	<b>Materiais, suportes e instrumentos</b>
<b>Temas e conteúdos:</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Materiais - Origens e Composição;</li><li>• Suportes - Características, Dimensões e Funções;</li><li>• Instrumentos - Características e Funções.</li></ul>
<b>Objetivos:</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Identificar a origem e composição de materiais diversificados;</li><li>• Reconhecer nas propriedades físicas dos suportes e instrumentos, fatores determinantes na definição da obra gráfica/plástica.</li></ul>
<b>Competências:</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvolver metodologias de conceção, planificação, projeção e execução de projetos nas áreas;</li><li>• Aprofundar capacidades de pesquisa, conceção, planificação e representação bi- e tridimensionais.</li></ul>
<b>Recursos:</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Laboratório;</li><li>• Ampliador;</li><li>• Câmara fotográfica ou pinhole;</li><li>• Papel fotográfico;</li><li>• Três tinas;</li><li>• Três pinças;</li><li>• Líquidos: revelador, banho de paragem, fixador e água.</li></ul>
<b>Estratégias/ Procedimentos:</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação dos conceitos teóricos para aplicação prática;</li><li>• Apresentação de um PowerPoint com exemplos de trabalhos, e percurso histórico da técnica;</li><li>• Exemplificação prática do processo;</li><li>• Início e orientação dos trabalhos dos alunos.</li></ul>
<b>Duração:</b>	4 a 5 blocos de 90 minutos

**Exemplos:**



Fig. 49 - "Primacy of matter over thought", Man Ray 1929

## Parte II

# Prática de Ensino Supervisionada

## Introdução

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionado (PES), orientado na Unidade Curricular de Estágio Pedagógico (UCEP), também, pela Orientadora científica e Diretora do Mestrado, Prof<sup>a</sup> Doutora Fátima Caiado, será elaborado tendo em conta uma reflexão autocrítica enriquecida pelos contributos e observações da Orientadora pedagógica, Mestre Ana Fidalgo e das professoras estagiárias do MEAV-UBI que fizeram parte do núcleo de estágio. Relata a experiência docente, enquanto professora estagiária do grupo 600, de Artes Visuais, na Escola Secundária Campos Melo (ESCM), nas disciplinas de Oficina de Artes (12º ano) e Geometria Descritiva A (11º ano). Este relatório serve o propósito de sistematizar as informações relativas às várias etapas do processo ensino-aprendizagem, bem como as reflexões de todas as atividades do núcleo de estágio no intuito de aperfeiçoar as competências de perfil do estagiário.

Esta parte decompõe-se em dois capítulos, em que o primeiro está dedicado ao necessário conhecimento do meio socioeconómico em que a escola se insere, da história e prestígio da ESCM no ensino das artes visuais, compreendendo uma caracterização atual da ESCM em diversos aspetos relevantes para o sucesso do ensino das Artes Visuais, nomeadamente recursos humanos (como as áreas de especialização dos docentes do grupo de professores de Artes Visuais, dos membros do núcleo de estágio e das turmas e alunos nas quais se realizou a PES), infraestruturas e recursos ao nível das novas tecnologias e oficinais, oferta formativa da ESCM e relação da escola com a comunidade, em concreto os protocolos de cooperação existentes. O segundo capítulo dedica-se à descrição da elaboração das planificações anual (a longo prazo), por Unidade de trabalho (UT) e aula a aula, realizada pelo núcleo de estágio e, em concreto, à descrição/reflexão das aulas assistidas e planificadas, pela autora deste relatório, tendo em conta, a articulação, entre a planificação e a lecionação, ao nível da exequibilidade (tempo de aula previsto para cada atividade, adequação das aulas teóricas e respetivo léxico e conceitos de cada disciplina à faixa etária em questão em função dos seus hábitos de leitura e culturais) e sucesso, adequação e propostas de melhoria das Metodologia de ensino usadas assim como das atividades e restantes metodologias de aprendizagem previstas para os alunos adquirirem não só um domínio teórico, como prático dos conhecimentos ministrados nas aulas teóricas. Adicionam-se as reflexões e apreciação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, em contexto de aula, de acordo com os critérios de avaliação estipulados nas planificações respeitantes ao nível de aquisição das competências (conhecimentos, aptidões e atitudes) previstas. Por fim, descrevem-se as atividades

extracurriculares, previstas no Plano Anual de Atividades da ESCM, a desenvolver pelo grupo de expressões e em concreto do grupo de Artes Visuais (grupo 600) que contaram com a participação da autora do relatório e das restantes professoras estagiárias debaixo da supervisão da orientadora cooperante.

# **CAPÍTULO I. Escola Secundária Campos Melo. Contexto socioeconómico. Oferta formativa. Infraestruturas e recursos. Caracterização do núcleo de estágio e do grupo 600.**

## **I.1. A Cidade da Covilhã**

Situada na encosta da Serra da Estrela voltada para nascente a 700 metros de altitude, a cidade da Covilhã pertencente à Cova da Beira, oferece aos seus visitantes uma bela paisagem do seu casario envolvido na majestosa montanha.

Sendo um dos conselhos pertencentes ao distrito de Castelo Branco (que é confrontado a Norte pelo distrito da Guarda, a Sul pelo distrito de Portalegre, a Oeste pelos distritos de Santarém, Leiria e Coimbra, a Leste pelas fronteiras com o País vizinho, Espanha), a Covilhã que desde 20 de Outubro de 1870 tem título de cidade concedido por D. Luís I, apresenta uma área de mais de 550 Km<sup>2</sup>, sendo a população que nele habita à volta dos 54.506 habitantes, distribuídos pelas 31 freguesias que o constituem, quatro das quais pertencentes à cidade de concelho (São Pedro, Santa Maria, São Martinho e Conceição, sendo estas declaradas como freguesias urbanas em 1851).<sup>36</sup>

Desde há 800 anos que é a terra da indústria dos lanifícios, que ainda nos dias de hoje se reflete na indústria da Covilhã, existindo hoje alguma atividade económica neste sector. A Covilhã é uma localidade com forte tradição secular operária.

## **I.2. A Escola Secundária Campos Melo**

Situada no centro urbano, na Rua Vasco da Gama, 40, encontra-se a ESCM. Faz parte das três escolas da cidade com Ensino Secundário e serve uma população heterogénea oriunda do concelho e arredores.

---

<sup>36</sup><http://www.cm-covilha.pt/>



Fig. 50 - Escola Secundaria Campos Melo

A sua criação remonta à época da vasta industrialização na cidade da Covilhã, nomeadamente para responder à necessidade de sustentar o crescente aumento da tecnologia e progresso da indústria de Lanifícios, é decretada a criação nesta cidade de uma Escola Industrial, com a finalidade de *“ministrar o ensino apropriado às indústrias predominantes n'aquella localidade, devendo este ensino ter uma forma eminentemente prática”*<sup>37</sup>. Esta obra é abraçada por José Maria da Silva Campos Melo (1840-90), filantropo da altura, que cede para instalações provisórias, uma casa da sua propriedade situada na Rua dos Tanoeiros (a atual Fernão Pentead), custeando todo o mobiliário e equipamento necessário, bem como a preparação, em Lisboa, do seu funcionário José da Fonseca Teixeira, para ocupar o cargo de Diretor da Escola. As aulas começaram a funcionar em 16 de Dezembro de 1884 (o mesmo ano do decreto de lei), com a disciplina de Desenho Industrial, entre outras: Aritmética, geometria e Contabilidade (8 de Janeiro de 1885) e Química Industrial (iniciada no dia anterior), ambas lecionadas pelo Diretor, enquanto Manuel Morais júnior, filho do célebre Morais do Convento, lecionava Desenho.

A este quadro de estudos é aditado, por portaria de 12 de Dezembro de 1886, de Emídio Navarro, a disciplina de Língua Francesa, numa altura em que a escola já se encontrava a funcionar em novas instalações, cedidas pela Câmara Municipal, há mais de um ano e que distavam 60 metros das primitivas. Após quatro anos do início de funcionamento, o quadro da escola Industrial Campos Melo já comportava vários professores, com destaque para o alemão Wustner, que lecionava a disciplina de Desenho Industrial Mecânico, e o suíço Martin Kuratlé, que dirigia o Curso de Tecelagem.

Após vários decretos de Lei que influenciaram o percurso histórico e funcionamento da Escola<sup>38</sup>, foi em 1948 que se assinalou uma nova era no Ensino Técnico em Portugal, resultante da publicação do Decreto nº 37029 de 25 de Agosto que estabelecia o Estatuto

---

<sup>37</sup> Decreto de 03 de Janeiro de 1884, subscrito pelos Ministros das Obras Públicas e da Instrução Pública.

<sup>38</sup><http://www.camposmelo.pt/index.php/a-escm/54-a-escola/61-historia>

Industrial e Comercial, transformando a Escola Industrial em Escola Industrial e Comercial. Esta passa a ministrar os seguintes cursos:

- **1º grau** - Ciclo Preparatório (2 anos)
- **2º grau** - Cursos Complementares de Aprendizagem (de Eletricista, Fiandeiro, Tecelão Mecânico, Tintureiro Acabador), de 4 anos
- **Curso de Formação Profissional** (de Serralheiro, Técnico de Tecelagem, Formação Feminina e Geral do Comércio), de 4 anos
- **Cursos de Mestrança** (encarregados de Obras, Cerzideiras) de 2 anos
- **Regime Noturno:** Geral do Comércio, Eletromecânica, Têxtil, Tintureiro Acabador e Debuxador (5 anos).

Nos anos cinquenta, auspiciosos para a Escola, iniciaram-se grandes obras de intervenção/adaptação, construindo-se um novo edifício contíguo ao primeiro e que foi inaugurado em 2 de Outubro de 1955. Na sequência do Decreto-Lei nº 47587 de 10 de Outubro de 1967, assinado pelo Ministro Veiga Simão, que institui os Cursos Gerais e os Cursos Complementares do Secundário Técnico e, prevendo uma nova experiência pedagógica em 1970, a Escola passa a denominar-se Escola Técnica Campos Melo até à revolução do 25 de Abril, altura em que também houve uma explosão escolar, que radicalmente alterou o ensino criando o curso Geral Unificado e abolindo as designações "*Escola Técnica/Lyceus*".

### 1.2.1. Oferta Formativa

Na ESCM, atualmente (2012/13), a oferta formativa vai desde o 3º Ciclo do ensino Básico, até ao ensino secundário, também com oferta de Cursos de Educação e Formação (CEFs) e Cursos Profissionais, permitindo que os alunos possam completar a escolaridade obrigatória (em vigor por outras vias que não o ensino regular), integrar o mercado de trabalho ou prosseguir estudos superiores:

Tabela 1 - Oferta Formativa da ESCM

<b>3º Ciclo do Ensino Básico</b>	7º Ano, 8º Ano e 9º Ano
<b>Ensino Secundário (Cursos Científico-Humanísticos)</b>	Ciências e Tecnologias; Ciências Socioeconómicas; Ciências Sociais e Humanas; Artes Visuais.
<b>Cursos de Educação e Formação (CEF)</b>	Técnico de Organização de Eventos; Técnico de Secretariado; Operador de Informática; Empregado/Assistente Administrativo; Técnico de Gestão Ambiental; Formação Complementar; Técnico Administrativo.
<b>Cursos Profissionais</b>	Técnico de Análises Laboratorial; Técnico de Design (variante Equipamento); Técnico de Eletrónica, Automação e Comando; Técnico de Contabilidade.

### **I.2.2. Atividades de Enriquecimento curricular**

A ESCM, visa uma permanente atualização e prima por oferecer, tanto aos alunos como à restante comunidade, um ensino que se distingue pela qualidade, socialização e princípios de cidadania. Para tal, a escola criou e dispõe de clubes que abordam desde as vertentes lúdicas e artísticas (xadrez, teatro, artes, fotografia e desporto), científico-tecnológicas (biotecnologia, holografia, nanotecnologia, robótica e informática) e de voluntariado.

Deste mesmo modo, a ESCM evidencia-se pela criação e promoção de projetos abertos à comunidade escolar, nomeadamente o Concurso Jovens Cientistas e Investigadores; Educação para a Saúde; Coménius; Olimpíadas; As Artes e o Meio; Intercâmbios Escolares; Arquivo Histórico; Museu Educativo; Parlamento dos Jovens e, por fim, o Sarau Cultural.

### **I.2.3. A escola e a comunidade**

A ESCM tem vindo a desenvolver um espírito de iniciativa que tem estimulado uma colaboração e envolvimento dos alunos como o meio local, nacional e internacional. Desta forma, tem mostrado abertura a inúmeros projetos nos quais conseguiu estabelecer um elevado número de parcerias<sup>39</sup> e protocolos<sup>40</sup> com diversas empresas e entidades, que têm contribuído para uma melhoria evidenciada da prestação do serviço educativo. Estas iniciativas têm-se apresentado como soluções inovadoras e mobilizadoras dos alunos, com repercussões nas aprendizagens e nos resultados académicos e sociais.

Um dos protocolos e parcerias que a ESCM tem vindo a efetuar é com o estabelecimento Prisional Regional da Covilhã, onde leciona cursos do ensino recorrente.

## **I.3. O núcleo de estágio**

Na data marcada para o início do ano letivo 2012/2013, no dia 3 de Setembro de 2012, e de acordo com o protocolo em vigor entre a Universidade da Beira Interior (UBI), apresentaram-se na Escola Secundária Campos Melo (ESCM), três alunas do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, do Departamento de Comunicação e Artes, tendo como orientadora cooperante a Mestre Ana Cristina Fidalgo e como supervisora da UBI, a Prof. Dr.ª Fátima Caiado. Neste dia foi efetuada uma reunião com

---

<sup>39</sup> Mais informações disponíveis no ponto 4 do PE em:

[http://www.camposmelo.pt/images/downloads/documentos\\_orientadores/PE.pdf](http://www.camposmelo.pt/images/downloads/documentos_orientadores/PE.pdf)

as professoras estagiárias e com a orientadora cooperante nas instalações da ESCM, com a finalidade destas se apresentarem perante o grupo e conhecer a dinâmica e orgânica do funcionamento da escola em questão, bem como iniciar a estruturação das estratégias a adotar ao longo do decurso do tempo de estágio. Fazem parte do Núcleo de Estágio os seguintes elementos:

- Beatriz Fernanda Madeira Lopes, natural de Coimbra e residente em Seia, é licenciada em Design do Produto, pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Já exerceu funções de docência como técnica especializada na área da fotografia, nos Curso de Formação e Educação de Técnico de Fotografia - tipo 2, na disciplina de Produção e Exposição de Fotografia e também no grupo 600, no Curso Científico Humanístico de Artes Visuais, nas disciplinas de Desenho A, Geometria Descritiva A, Oficinas de Multimédia e Oficinas de Artes, nos distritos de Coimbra e Guarda.
- Eliana Fontes Fernandes, natural e residente em Viana do Castelo, é licenciada em Artes Plásticas pela Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha. Possui uma Pós-Graduação em Educação Especial - Distúrbios nos Domínios Cognitivo e Motor - Ensino Básico e Secundário, pela Universidade Moderna de Lisboa e já exerceu funções de docência no grupo 600 de Artes Visuais em zonas distintas do país.
- Maria da Luz Jesus Santos Silva, natural e residente na Covilhã e licenciada em Design Multimédia pela Universidade da Beira Interior.



Fig. 51 - Elementos do Núcleo de Estágio: Beatriz Lopes, Eliana Fernandes, Ana Fidalgo e Maria Silva

Foram destinadas ao núcleo de estágio as seguintes disciplinas e turmas:

- Geometria Descritiva A - 11<sup>ª</sup>A e 11<sup>º</sup>D;
- Oficina de Artes - 12<sup>º</sup>D (Direção de Turma).

No horário de estágio figuram as duas disciplinas, Geometria Descritiva A (GDA) e Oficina de Artes (OFA), bem como Direção de Turma e Orientação para Estágio. As aulas assistidas centraram-se à segunda-feira, por ser o dia em que todos os elementos do núcleo de estágio estavam presentes. A observação de aulas incidu nos outros dias.

Tabela 2 - Horário de Estágio

Tempos	Segunda	Sala	Terça	Sala	Quarta	Sala	Quinta	sala
8:30 - 9:15	12° H	31	11°A GDA	31	12°D OFA	OA	DT 12°D	DT
9:15 - 10:00	12° H	31	11° A GDA	31	12°D OFA	OA	OE	SP
10:10 - 10:55	12°D OFA	OA	11°D GDA	31	11°D GDA	OA	11° D GDA	31
10:55 - 11:40	12°D OFA	OA	11°D GDA	31	12° H	OA	11°D GDA	31
11:50 - 12:35	Apoio Educ		OE	SP	DT 12° D	DT	11° A GDA	31
12:35 - 13:20			OE	SP	12° D DTA	32	11° A GDA	31
13:25 - 14:10	11°A GDA	31						
14:10 - 14:55	11°A GDA	31						
15:05 - 15:50	11°D GDA	31						
15:50 - 16:35	11° D GDA	31						
16:45 - 17:30	OE	SP						

Legenda:

GDA - Geometria Descritiva A; OFA - Oficina de Artes; DT - Direção de Turma;  
OE - Orientação de Estágio

## I.4. Infraestruturas e Recursos do Curso de Artes Visuais

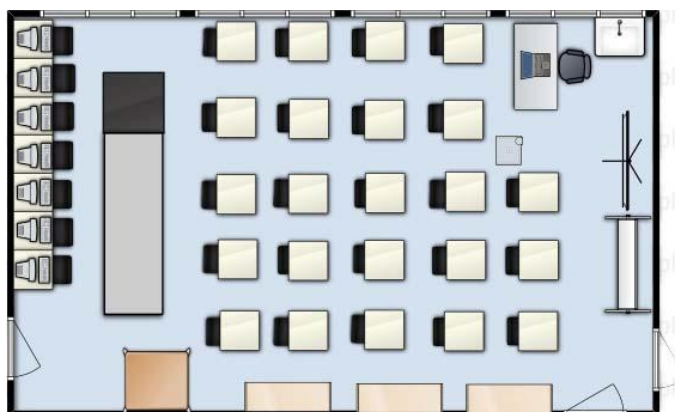
A ESCM é constituída por três edifícios, dois blocos onde se encontram diferentes espaços (salas de aulas, sala dos professores, biblioteca, museu educativo, papelaria/reprografia, cantina e bar) e um terceiro edifício com o pavilhão gimnodesportivo.

A ESCM dispõe de alguns espaços e equipamentos relacionados com o Curso Científico e Humanístico de Artes Visuais (CCHAV), nomeadamente salas de aulas, oficinas e laboratórios (Laboratório de Fotografia, Laboratório de Design e Comunicação), salas de informática e a sala de Oficina de Artes que se situa no edifício B no piso -2, tendo esta, uma ligação interna com a Sala de Design Multimédia e o Laboratório de Fotografia. A localização e comunicabilidade destas salas permite, aos alunos, um acesso fácil aos recursos e material dos laboratórios.

A sala de OFA é bastante arejada, luminosa e devidamente equipada com estiradores, cadeiras, quadros (de projeção e branco), computador e projetor, lavatório com torneira, bancadas de trabalho, mesa de luz, mesa de corte, armários, estantes, computadores com acesso à internet e telefone (fig.52). No entanto, como é comum às outras turmas do CCHAV, por vezes poderá revelar-se pouco espaçosa penalizando, por vezes, o desenvolvimento de determinados projetos de maior envergadura, havendo assim necessidade de um local de

trabalho para estes projetos de grande escala. Nesse sentido são utilizados outros espaços junto à sala, tais como o pátio, o corredor e/ou outros espaços que se encontrem livres ou disponíveis na escola e que permitam a realização dos projetos.

Relativamente aos recursos, a escola oferece aos alunos do CCHAV, material de pintura e gravura, cavaletes, forno para cerâmica, bancadas de apoio, armários para guardar materiais, cacifos, acesso à internet, impressoras, *scanner*, câmaras fotográficas, retroprojeter, projetor de *slides*, projetor multimédia, câmara de vídeo e livros técnico-científicos e básicos abrangendo a área das artes.
















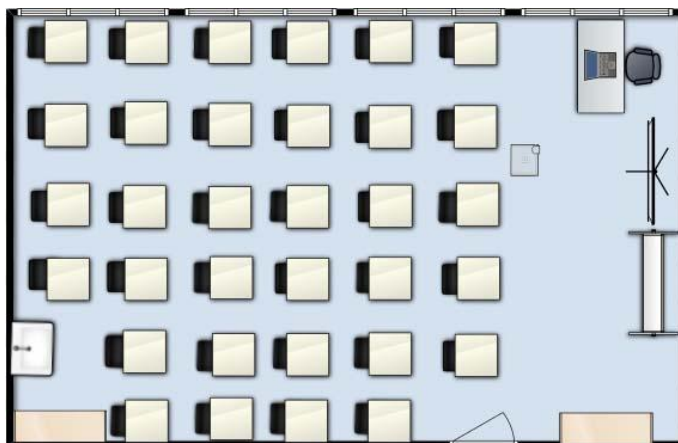
Legenda:	 Secretária	 Armários	 Mesa de Corte
	 Mesas e Cadeiras	 Bancada de trabalho	 Lavatório
	 Mesa de Luz	 Computadores	 Projetor
	 Portas	 Janelas	 Tela do projetor
	 Quadro Branco		

Fig. 52- Planta da sala de OFA

A sala de GDA, está situada também no edifício B, no 1º piso, na sala de 31. É uma sala arejada, espaçosa e com muita luz natural, está munida de estiradores, quadro, computador, projetor e armários possuindo, para além do equipamento, material de recurso para a disciplina, tais como: compasso, régua, esquadro, transferidor e marcadores, para o auxílio do desenho e da resolução rigorosa dos exercícios expostos no decorrer das aulas.



Legenda:	 Secretária	 Armários	 Lavatório
	 Mesas e Cadeiras	 Portas	 Projetor
	 Quadro Branco	 Janelas	 Tela do projetor

Fig. 53 - Planta da sala de GDA

## I.5. Caracterização do grupo 600 de Artes Visuais

O grupo de Artes Visuais (AV), ou Grupo 600, é constituído por dez professores em que o seu coordenador é o professor João Boléo que é, também, um dos elementos do Conselho Pedagógico. Todos os elementos do Grupo 600 estão direcionados para o ensino artístico, sendo a formação base de quatro ligada ao design, de dois à arquitetura e os restantes ligados a outras áreas como pintura, escultura, estética e Educação Visual e Tecnológica). Quanto à média de idades do grupo é de 42 anos, indo desde os 37 até aos 47 anos.

Este grupo revela ser dinâmico e unido, uma vez que durante o ano letivo, organizam e promovem vários eventos (visitas de estudo, exposições, clubes direcionados para as artes, concursos, etc.), realizando desta forma os projetos traçados no Plano Anual de Atividades (PAA), cumprindo assim, também, as diretrizes dos programas das disciplinas do Artes Visuais do Ministério da Educação (ME).

## I.6. Caracterização das turmas

No processo de ensino-aprendizagem, é fundamental conhecer-se o grupo/turma com que se lida, sobretudo em escolas que se querem cada vez mais inclusivas. É uma mais-valia, para o professor, obter dados sobre o meio socioeconómico, a realidade que vive cada aluno e a forma como se relacionam tais circunstâncias com a sua personalidade e atitudes, para que, desta forma, se possa trabalhar a turma de forma a atingir os objetivos de aprendizagem.

Para obter estes dados, o núcleo de estágio recorreu à ficha individual dos alunos, para obter informações relevantes para o seu conhecimento. Nesta ficha individual foram colocadas questões para a obtenção de dados como: género, idade; idades, habilitações, profissões e situação face ao emprego dos pais; número de irmãos; disciplinas preferidas; número de negativas do ano anterior; quem beneficiou de SASE; as profissões desejadas; se possuem computador e internet; tipo de atividades extracurriculares; tempo de deslocação entre a casa e a escola, transporte utilizado e problemas de saúde. Este inquérito só foi aplicado na turma 12º D, na disciplina de OFA, devido a esta estar sob a direção de turma da orientadora cooperante, cabendo aos professores estagiários analisar e tratar a informação, de forma sucinta, estatística e gráfica, compilada num documento que foi fornecido aos elementos constituintes da equipa pedagógica da turma<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Apêndice I



## CAPÍTULO II. Aulas assistidas

### II.1. Planificação das disciplinas

No início de cada ano letivo, o docente começa por analisar o programa oficial da disciplina que vai administrar, elaborando de seguida uma planificação estruturada de forma a possibilitar o desenvolvimento dos objetivos de aprendizagem que se materializam nas competências (conhecimentos, aptidões e atitudes) a adquirir pelos alunos, traçando desta forma uma pré definição das metodologias de ensino e aprendizagem a usar na exploração dos conteúdos/temas (também delimitados), definindo concomitantemente uma predefinição das atividades (a realizar em contexto de aula, visitas de estudo ou outras atividades desenvolvidas individualmente ou em grupo), sequenciadas de forma estratégica, para alcançar o que, por si, foi pressuposto inicialmente. A planificação tem como função servir como guião para o professor.

Assim sendo, o Núcleo de Estágio (NE) elaborou a planificação anual das disciplinas de OFA<sup>42</sup> e GDA<sup>43</sup>, estruturando os conteúdos previstos para o ano letivo e qual o número de aulas para a abordagem dos mesmos. Nas planificações elaboradas, estão também clarificados o número de aulas previstas para a lecionação das várias Uts e por cada tema, o número de aulas previsto para cada período, bem como os parâmetros de avaliação a ter em conta face aos objetivos específicos de cada uma das disciplinas.

Para além das tipologias de planificações já referidas, foram também realizadas planificações de aula, que permitiram uma melhor gestão do tempo de aula, organização de tarefas e estratégias a aplicar, nas quais também se definiram as competências e objetivos a alcançar, tendo em conta os fatores caracterizantes da turma. Estas planificações permitem ao docente visualizar melhor a gestão do tempo e a adaptação de estratégias para que a transmissão de conteúdos e aquisição de competências seja mais eficiente.

### II.2. Calendarização das aulas

Após a elaboração e aprovação das planificações das disciplinas de OFA e GDA, para o ano letivo 2012/2013, foi realizada a distribuição e calendarizadas das aulas assistidas para cada um dos elementos do grupo de estágio, de forma a coincidir com a introdução de novos

---

<sup>42</sup> Apêndice II

<sup>43</sup> Apêndice III

conteúdos nas respetivas unidades curriculares. A cada elemento, coube a realização de três aulas assistidas por período, sendo duas de OFA e quatro de GDA.

Como se pode verificar na tabela 3, à autora deste relatório, coube abordar, nas aulas de OFA, a temática “*A linha como objeto estruturante da linguagem plástica*”, no decorrer do 1º período, e a “*Arte tridimensional*”, no decorrer do 2º período; sendo-lhe, para as aulas de GDA, atribuído para o 1º período a abordagem à unidade temática (UT) “*Ortogonalidade*” e “*Representação de sólidos III*”, e para o 2º período “*Ângulos*” e “*Secções de cones e cilindros*”.

Tabela 3 - Calendário das aulas supervisionadas

OFICINA DE ARTES - 12º D				
	Data	Prof. Estagiário	Tema de aula	Unidade Temática
1º Período	08 Outubro	Maria Silva	“O ponto”	“Objetos estruturante da linguagem plástica”
	05 Novembro	Beatriz Lopes	“A Linha”	
	19 Novembro	Eliana Fernandes -	“A Textura”	
2º Período	28 Janeiro	Maria Silva	“Comer a Arte”	“Tridimensionalidade”
	30 Janeiro	Eliana Fernandes	“Objeto tridimensional”	
	25 Fevereiro	Beatriz Lopes	“Arte tridimensional”	
GEOMETRIA DESCRITIVA - A (11º Ano)				
	Data	PE	Tema de aula	
1º Período	01 Outubro	Eliana Fernandes	“Paralelismo”	
	08 de Outubro	Beatriz Lopes	“Ortogonalidade”	
	05 Novembro	Eliana Fernandes	“Representação de sólidos III”	
	26 Novembro	Beatriz Lopes	“Representação de sólidos III” (ficha de trabalho)	
	28 Novembro	Maria Silva	“Perspetiva Cavaleira”	
2º Período	21 Janeiro	Eliana Fernandes	“Ângulos”	
	28 Janeiro	Beatriz Lopes	“Ângulos” (ficha de trabalho)	
	14 Fevereiro	Maria Silva	“Perspetiva Trimétrica”	
	25 Fevereiro	Eliana Fernandes	“Prismas”	
	4 Março	Beatriz Lopes	“Secções Cones e Cilindros” (consolidação de conteúdos)	
3º Período	29 Abril	Maria Silva	“Axonometria”	
	06 Maio	Maria Silva	“Axonometria”	

## II.3. O programa de Oficinas de Artes

A disciplina de Oficina de Artes integra o Plano de Estudo do CCHAV<sup>44</sup> - componente de formação específica - e constitui-se como disciplina de opção do 12º ano com uma carga horária de 2 unidades letivas de 90 minutos semanais. A autora deste relatório, devido à experiência obtida em outros anos letivos enquanto professora desta disciplina, é da opinião de que esta prática oficial deveria constar também na formação do 10º e 11º anos, com a mesma carga horária, uma vez que seria benéfico para o aluno aprofundar conhecimento nos vários campos das artes, como a escultura, a pintura, a fotografia, bem como explorar as várias técnicas para a execução dos trabalhos plásticos, pois um ano letivo apenas dá para uma pequena abordagem à disciplina, em vez de se explorar as potencialidades que esta oferece (os conteúdos programáticos propostos são extensos, não sendo possível a sua total execução, levando muitas vezes a uma abordagem superficial, sobretudo de algumas tecnologias).

A inserção de Desenho A no plano de estudo do CCHAV, como disciplina estruturante e trienal da componente de formação específica, permitiu que alguns dos conteúdos formativos anteriormente propostos pela Oficina de Artes fossem reintegrados nessa disciplina. Deste modo, à Oficina de Artes compete abordar as áreas de expressão e concretização plásticas bi - e tridimensionais, associadas aos fenómenos da comunicação visual.

O programa de OFA<sup>45</sup> pretende proporcionar aos alunos a aquisição e o desenvolvimento de saberes no âmbito das artes visuais, através da prossecução das seguintes finalidades:

- Desenvolver a sensibilidade e a consciência crítica, mediante a mobilização do aluno para os conteúdos específicos das diferentes áreas das artes visuais.
- Fomentar a capacidade de manipulação sensível e técnica dos materiais, dos suportes e dos instrumentos, visando um melhor entendimento do espaço bidimensional e tridimensional em vários domínios da expressão plástica.
- Incentivar e desenvolver a criatividade, hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.
- Proporcionar aos alunos o acesso aos fundamentos e pressupostos científicos essenciais que determinam grande parte da fenomenologia das artes visuais, desde o ato criativo em si à perspetiva crítica e de intervenção no âmbito da comunidade.

---

<sup>44</sup> Anexo I

<sup>45</sup> Anexo II

Como áreas de desenvolvimento do projeto o programa apresenta o desenho, a pintura, a escultura, o design gráfico e de equipamento, a fotografia, a videografia e a intervenção em espaços culturais. Só com a nomeação destas complexas áreas, mais uma vez se verifica que não é possível abordar todas as propostas de desenvolvimento apenas num só ano letivo, bem como alertar para a possibilidade de falta de recursos nas escolas para a lecionação de áreas como a fotografia ou videografia por falta de equipamento ou por falta de laboratórios para o trabalho de revelação fotográfica o que por vezes torna complicado desenvolver alguns conteúdos de exploração prática.

As metodologias e atividades propostas no programa são aceitáveis bem como os parâmetros de avaliação sugeridos.

### **II.3.1. Aula nº1 de OFA - “A LINHA” - 5 de Outubro 2012**

Esta aula teve como objetivo a introdução de uma nova UT da disciplina - “A linha” como objeto estruturante da linguagem plástica<sup>46</sup>.

Para introdução do tema, em contexto de aula, a autora deste relatório, fez uma exposição oral acompanhada de um slide show, para o qual utilizou o Prezi, uma plataforma alternativa ao PowerPoint, por ser mais dinâmica, interativa e ter uma forma estética diferente e apelativa. Esta apresentação<sup>47</sup> iniciou-se com um pequena animação intitulada “La Linea”, como motivação e para captar e manter a atenção da turma. Após o visionamento do filme, efetuou-se uma pequena abordagem à aplicação da linha quanto à sua derivação, orientação, forma e aplicação em trabalhos artísticos de pintura, desenho e escultura, acompanhando sempre com imagens exemplificativas (nestas aulas é de extrema importância recorrer a elementos visuais), para melhor compreensão da sua aplicabilidade na proposta de trabalho, dando também a conhecer alguns artistas plásticos que recorrem à potencialidade da linha como forma de expressão artística. Durante a exposição de conteúdos, foi também solicitada a participação dos alunos, com questões orientadas a aferir o conhecimento global da turma quanto às variações, propriedades, expressividade e potencialidades da linha como elemento de registo.

Após ter exposto à turma a UT e todos os conteúdos programados para a aula em questão, passou-se para à apresentação e orientação da proposta de trabalho para as próximas aulas de OFA, sendo esta a reprodução da imagem que já haviam utilizado no trabalho do ponto, orientado este pela PE Maria Silva, utilizando como forma estruturante a linha, tendo como

---

<sup>46</sup> Apêndice IV

<sup>47</sup> <http://prezi.com/61hjymif4ufd/a-linha/>

tempo de execução um período de cinco tempos letivos de 90 minutos cada. Como restrições do trabalho, o suporte não poderia ser mais pequeno que o tamanho de uma folha A2, estando os alunos livres de usar o suporte e tipo de material a aplicar.

### **II.3.1.1. Reflexão final da aula observada**

Após a aula observada, a PE e autora deste relatório, tentou sempre trocar impressões e obter críticas junto das suas colegas da PES, de forma a entender o que teria que melhorar na próxima aula observada.

Assim sendo, o grupo da PES, relativamente à aula descrita no subcapítulo anterior, considerou que os alunos se mostraram bastante atentos durante a exposição de conteúdos, e participativos, quando era levantada alguma questão por parte da PE. Concordou-se, também, que a apresentação realizada para a aula em questão e a forma como estava estruturada, resultou muito bem no contexto de aula. A apresentação de vídeos no início e no fim, bem como a vasta quantidade de imagens, fez com que os alunos despertassem o interesse em procurar novas formas de trabalho para a aplicação da “linha” como objeto expressivo e estruturante da linguagem plástica.

### **II.3.1.2. Síntese do desenvolvimento dos projetos**

Os alunos desenvolveram os seus projetos de forma autónoma, revelando entendimento quanto aos objetivos da proposta. No que respeita à utilização e inovação de materiais a aplicar, apenas três dos elementos da turma revelaram interesse pela procura de novos conceitos e matéria plástica (fig.54), explorando as potencialidades do fio têxtil para a reprodução cromática da imagem em que se basearam, tendo os restantes alunos realizado o trabalho, sem saírem da sua área de conforto, executando-o em suporte de papel, utilizando riscadores, como o lápis de cor e os marcadores (fig.55).



Fig. 54- Trabalhos realizados com fios têxteis pelas alunas Melissa S., Mariana S. e Sónia M.

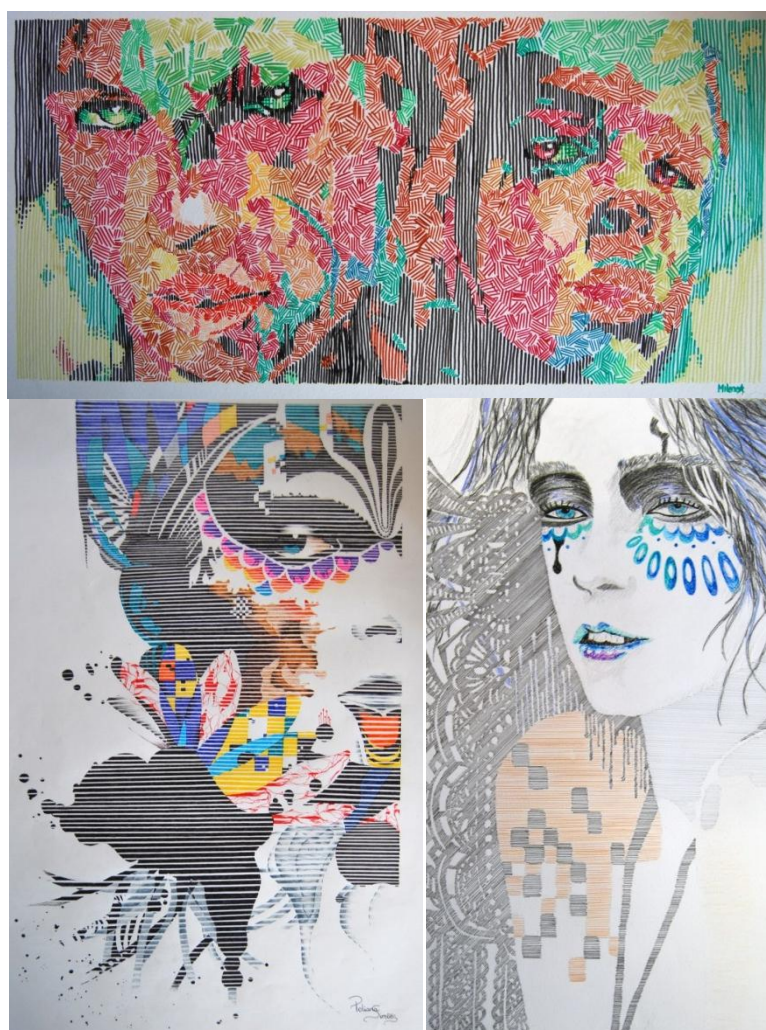


Fig. 55 - Trabalhos realizados com riscadores convencionais pelas alunas Milene G., Poliana S. e Carolina F.

### II.3.2. Aula nº2 de OFA - “ARTE TRIDIMENSIONAL” - 25 de Fevereiro 2013



Fig. 56 - Turma do 12º D durante a aula temática “Arte tridimensional”, em Oficina de Artes

Esta aula teve a pretensão de dar continuidade à UT “Tridimensionalidade”, introduzida a 30 de Janeiro de 2012, pela PE Eliana Fernandes.

Assim sendo, a autora deste relatório, iniciou a aula questionando os alunos quanto aos seus conhecimentos no que respeita à tridimensionalidade, com o objetivo de os avaliar e de os levar a participar. Seguidamente, foram expostos os conteúdos teóricos, acompanhados de uma apresentação<sup>48</sup> também em Prezi, na qual os alunos puderam observar obras artísticas relacionadas com a temática, de forma a apelar à criatividade, e onde puderam também associar alguns artistas da Arte Contemporânea à descontextualização do objeto (Duchamp), esclarecendo a diferença entre uma instalação e um hapennig, remetendo desta forma para alguns conteúdos da História de Arte. De forma conclusiva, foi projetado um pequeno vídeo sobre o trabalho do artista japonês Riusuke Fukahori<sup>49</sup>, que concebe obras tridimensionais e realistas pintando sob camadas sobrepostas de resina.

Tal como na aula de OFA exposta anteriormente (linha), após a exposição dos conteúdos, foi aberto um diálogo com os alunos, para esclarecimento de qualquer questão ou esclarecimento sobre a matéria sendo, de seguida, apresentada a proposta de trabalho, para a aplicação prática do que fora exposto.

Para a concretização da proposta, os alunos teriam que descontextualizar objetos a partir de um conceito definido pelo aluno, tornando-os “obra de arte”, podendo o projeto adquirir qualquer dimensão e forma, tendo como tempo limite de execução 11 tempos letivos (90 minutos cada).

---

<sup>48</sup> <http://prezi.com/lvyupihw7auq/arte-tridimensional-descontextualizacao/>

<sup>49</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=21bFpgEfDFM>

Após a apresentação da proposta de trabalho, a autora deste relatório, informou os alunos que poderiam iniciar o processo de pesquisa para a execução do mesmo, até ao fim do tempo de aula, tendo de apresentar propostas para o projeto na aula de OFA seguinte.

### II.3.2.1. Reflexão final da aula observada

Nesta aula, os alunos mostraram-se participativos e atentos, levantando questões à PE, sobre os conteúdos expostos e sobre a execução prática dos trabalhos a desenvolver. De acordo com PE Eliana Fernandes e a PE Maria Silva, a aula decorreu dentro da normalidade, tendo a autora deste relatório e responsável pela administração da aula em questão, demonstrado total conhecimento dos conteúdos, mostrando-se bem integrada na situação de docente perante a turma. A forma como foi estruturada a aula, demonstrou mais uma vez, que a dinâmica de imagens, apela à atenção dos alunos, ajudando com que estes não se dispersem para outros assuntos que não pertencem ao contexto de aula.

### II.3.2.2. Síntese do desenvolvimento dos projetos

Muitos dos projetos desenvolvidos pelos alunos para a UT da tridimensionalidade e descontextualização de objetos, não se desprenderam da imagem que utilizaram para o desenvolvimento dos trabalhos anteriores (do “ponto”, “linha” e “textura”), tornando-a como que uma imagem identificativa do aluno (fig.57). Houve ainda outros, como já foi referido, que se conseguiram libertar, mostrando desenvoltura no processo criativo e técnico, arriscando na experimentação de novos materiais, promovendo desta forma a descontextualização dos objetos utilizados (fig.58).



Fig. 57 - Arte tridimensional / Objetos descontextualizados, nos quais os alunos Inês M. e Tiago M. se basearam na imagem dos trabalhos precedentes do ponto, linha e textura.



Fig. 58 - Arte tridimensional / Objetos descontextualizados desenvolvidos pelos alunos.

### II.3.3. Avaliação dos trabalhos propostos

A avaliação dos trabalhos, desenvolvidos em cada UT, teve sempre em consideração os critérios de avaliação elaborados pelo grupo e que se encontram em conformidade com os parâmetros de avaliação da ESCM, estando correspondentes com as competências a adquirir pelos alunos.

Tendo em conta os critérios de avaliação estabelecidos, os professores reuniram-se no final de cada UT, tendo como objetivo a avaliação formativa efetuada nas fases evolutivas dos projetos, incidindo na observação direta, na aquisição dos conceitos, assiduidade e pontualidade, no rigor, no empenho, na apresentação final dos trabalhos, etc.

A realização da avaliação sumativa teve como critérios, a capacidade de representação, a aplicação da cor e da técnica, a organização gráfica, inovação nos elementos e na técnica, participação, empenho, destreza na motricidade fina, limpeza e apresentação final do trabalho executado.

Pode-se observar que durante a realização das várias unidades de trabalho, os discentes conseguiram alcançar competências ao nível da criação de valores estéticos pessoais, no desenvolvimento das capacidades de atenção, observação, concentração, sentido crítico, na aplicação das técnicas exploradas e nos valores de cidadania (espírito de interajuda e respeito mútuo).

#### **II.3.4. Reflexão Geral da turma de OFA (12ºD)**

Durante o tempo de estágio definido, a turma caracterizada, não revelou dificuldades ao nível das aquisições de aprendizagem. Demonstrou facilidade na assimilação e compreensão dos conteúdos, tendo mostrado facilidade na aplicação prática dos mesmos. Revelou-se como uma turma motivada e muito participativa nas atividades de aula, bem como nas extracurriculares, mostrando-se sempre muito empenhada, unida, cumpridora das regras e dos prazos que foram impostos para a execução dos trabalhos e desafios realizados.

Verificou-se que durante a abordagem dos conteúdos tóricos nas aulas, os alunos mostraram-se atentos e participativos, embora alguns apresentassem lacunas de conhecimento no que respeita aos movimentos artísticos e associação de artistas aos mesmos (provavelmente por não terem tido qualquer contacto com a disciplina de História e Cultura das Artes, uma vez que esta é uma disciplina curricular opcional e não obrigatória). Por vezes, a falta de conhecimento histórico-estético por parte do aluno, dificulta a sua compreensão na mensagem que o professor transmite, limitando de certo modo, o desenvolvimento da criatividade e dos trabalhos.

Para colmatar esta falha, nas aulas dedicadas à exposição oral, sugere-se que o professor apresente os conteúdos de aula, com mais recursos visuais que textuais, facilitando o entendimento da sua mensagem, podendo também captar com mais facilidade a atenção do aluno, uma vez que é mais fácil reter na memória uma informação visual, tornando mais inteligível a associação dos conteúdos aos objetivos de aulas.

## II.4. O programa de Geometria Descritiva - A

Durante a análise do programa da disciplina de Geometria Descritiva - A<sup>50</sup>, no que respeita à distribuição dos conteúdos pelos dois anos em que se desenvolve o programa, pôde-se verificar que esta não se encontra equilibrada. Uma vez que, no 10º ano, a matéria é de certa forma mais acessível, o programa poderia ser “acelerado” nos conteúdos do módulo inicial, uma vez que estes mesmos conteúdos serão sempre lembrados no início de cada matéria, pois na maior parte dos casos, os alunos não se lembram do que foi lecionado neste módulo inicial. Respetivamente ao programa do 11º ano, este é excessivamente extenso para aprofundar e consolidar os conhecimentos adquiridos pelos alunos nas aulas práticas necessárias e, como neste ano a disciplina é terminal, seria uma mais-valia para o sucesso dos alunos a diminuição dos conteúdos, pois assim teriam mais tempo de aulas para consolidação de matérias para o exame nacional que realizarão no final do ano. Outra alternativa seria repartir estes conteúdos em 3 anos, em vez de 2, para obtenção de melhores resultados na compreensão e aplicação das matérias.

O aluno durante os dois anos de aprendizagem deverá desenvolver as seguintes competências:

- Percecionar e visualizar no espaço;
- Aplicar os processos construtivos da representação;
- Reconhecer a normalização referente ao desenho;
- Utilizar os instrumentos de desenho e executar os traçados;
- Utilizar a Geometria Descritiva em situações de comunicação e registo;
- Representar formas reais ou imaginadas;
- Ser autónomo no desenvolvimento de atividades individuais;
- Planificar e organizar o trabalho;
- Cooperar em trabalhos coletivos.

Pode-se dizer que as metodologias e atividades propostas no programa são adequadas. No entanto, tem que se ter em conta que a maioria das escolas não dispõe dos recursos previstos no programa oficial nomeadamente, salas específicas para a disciplina, modelos tridimensionais, vídeos didáticos, software de geometria dinâmica, CAD, meios audiovisuais e computadores suficientes. Ou seja, na maior parte das vezes na falta destes recursos que são propostos, o professor tem que criar os seus próprios métodos de ensino, recorrendo a métodos mais precários uma vez que na maior parte dos casos a sala de aula atribuída oferece pouco mais que o quadro de giz e o projetor.

---

<sup>50</sup> Anexo III

## II.4.1. Aula nº1 de GDA - “ORTOGONALIDADE” - 8 de Outubro 2012



Fig. 59 - Professora estagiária durante a leção da aula de GDA.

“Ortogonalidade entre retas e planos” foi a UT da primeira aula assistida que a autora deste relatório lecionou como professora estagiária de GDA.

Após tomar conhecimento dos conteúdos a aplicar, a PE verificou que seria uma aula de introdução de novas matérias, o que a levou a realizar uma preparação de aula que lhe permitisse o apoio necessário durante a sua exposição perante a turma<sup>51</sup>. Neste sentido, foi elaborada uma apresentação em PowerPoint<sup>52</sup>, para auxílio da explicação, que permitisse uma abordagem expositiva dos conteúdos da aula, de forma clarificante, uma vez que, regra geral, os alunos apresentam dificuldades no que respeita à transposição da visão espacial para a visualização bidimensional, e vice-versa, no sistema de dupla projeção ortogonal.

Como já foi referido, esta foi uma aula de introdução a um novo conteúdo - Ortogonalidade entre retas e planos. A professora estagiária, iniciou a aula com a sua apresentação perante a turma, tendo de seguida apresentando os conteúdos em PowerPoint, explicando o conceito de ortogonalidade questionando em simultâneo os alunos sobre os seus conhecimentos sobre o tema, para avaliação das dificuldades de apreensão da turma. Com intuito de promover o raciocínio dos alunos, a autora deste relatório, problematizou os conteúdos durante a sua exposição. Para que os alunos percecionassem da melhor forma, foram ainda apresentados de forma exemplificativa, a resolução de exercícios passo a passo, para que a turma pudesse fazer o seu acompanhamento.

---

<sup>51</sup> Apêndice VI

<sup>52</sup> Apêndice VII

Sendo dada a matéria, foi pedido à turma que resolvesse alguns dos exercícios propostos no livro da disciplina adotado até ao final do tempo de aula, tendo a PE efetuado o acompanhamento e o esclarecimento das dúvidas apresentadas individualmente pelos alunos.

#### **II.4.1.1. Reflexão final da aula observada**

Esta foi uma aula essencialmente expositiva e de introdução de novos conteúdos, na qual se pretendia que o aluno entendesse o conceito de ortogonalidade e perpendicularidade entre retas e planos, fundamentasse o seu raciocínio e consolidasse a matéria exposta com a resolução de exercícios e compreensão dos exemplos apresentados na sala de aula.

Inicialmente, os alunos mostraram-se um pouco relutantes quanto ao facto da introdução da nova matéria. No entanto, durante o decorrer da aula, mostraram-se mais recetivos e participativos nas questões e problemas que a PE levantava.

A PE, autora deste relatório, durante a sua exposição em aula, demonstrou segurança quando questionada pelos alunos, revelando preparação e estudo prévio, dos conteúdos e estratégias a aplicar.

#### **II.4.2. Aula nº2 de GDA - “REPRESENTAÇÃO DE SÓLIDOS III” - 26 de Novembro 2012**

A segunda aula assistida<sup>53</sup> foi uma aula de consolidação de conteúdos, pois a UT já havia sido introduzida em aulas anteriores pela orientadora cooperante e responsável da disciplina, Mestre Ana Fidalgo. Sendo assim, como objetivo desta aula teve-se a fundamentação do raciocínio dos alunos com a compreensão e resolução de exercícios em sala de aula, de forma a consolidar os conteúdos apresentados nas aulas anteriores.

Assim sendo, coube à PE, autora deste relatório, realizar uma ficha de trabalho<sup>54</sup>, onde eram propostos exercícios para resolução relativos à matéria e para ajuda na compreensão do método resolutivo dos mesmos, efetuou como forma de apoio, o processo passo a passo, em PowerPoint, de cada um deles<sup>55</sup>.

No início da aula, a PE, distribuiu a ficha de trabalho pelos elementos da turma, explicando em simultâneo qual o seu objetivo e informando que cada exercício tinha tempo limitado

---

<sup>53</sup> Apêndice VIII

<sup>54</sup> Apêndice IX

<sup>55</sup> Apêndice X

para a sua resolução, para que no final de cada um, se pudesse apresentar a sua execução passo a passo para que todos pudessem acompanhar e corrigir ao mesmo tempo. Expostos os objetivos da ficha e da aula, a PE fez uma revisão inicial para uma contextualização da projeção de sólidos em planos não projetantes, passando depois para o acompanhamento dos alunos na resolução e execução dos exercícios propostos, respondendo a questões e a dúvidas que, entretanto, foram levantadas.

#### **II.4.2.1. Reflexão final da aula observada**

A disciplina de GDA requer que os alunos desenvolvam a sua capacidade de raciocínio, e nesta aula, a PE conseguiu promover a desenvoltura desta aptidão, durante o desenvolvimento e consolidação de conteúdos, apresentando-lhes exercícios práticos e problematizantes. Desta forma conseguiu, manter os elementos da turma ativos e envolvidos na aula com a ficha de trabalho por ela elaborada, variando os modos de trabalho (inicia com o grupo - turma, passando posteriormente para o trabalho de par) proporcionando a possibilidade e oportunidade de os alunos identificarem os seus progressos e dificuldades e promovendo, desta forma, o sentido de interajuda.

Relativamente à relação pedagógica, a professora apresentou um plano de aula bem estruturado, mostrou-se próxima dos alunos sem diminuir o nível de exigência e mostrou segurança quando questionada pelos alunos sobre a matéria anterior.

#### **II.4.3. Aula nº3 de GDA - “ÂNGULOS” - 28 de Janeiro 2013**

Esta terceira aula assistida<sup>56</sup>, tal como a anterior, teve como objetivo a consolidação de conteúdos já administrados anteriormente, na UT “Representação de Ângulos entre duas retas e uma reta e um plano”, tendo esta a particularidade de ser uma aula de preparação, para a ficha de avaliação sumativa.

Uma vez que a metodologia da aula assistida anterior resultou para este propósito, nesta foram adotadas as mesmas estratégias. Mais uma vez, a PE e autora deste relatório, elaborou uma ficha de trabalho<sup>57</sup> com exercícios escolhidos e estudados previamente por ela, que distribuiu no início da aula. De forma a promover a entreaajuda, organizou os alunos em grupos de dois elementos, dando início ao tempo de resolução e execução dos exercícios. Durante o tempo de aula, a PE, acompanhou os alunos no avanço dos problemas da ficha, deslocando-se pela sala de aula estimulando a atenção dos mesmos, percecionando as suas

---

<sup>56</sup> Apêndice XI

<sup>57</sup> Apêndice XII

dificuldades e motivando-os para a execução dos exercícios. No final de cada exercício foi realizada a sua correção, com a solicitação de que um dos elementos da turma se voluntariasse para a realização da mesma no quadro da sala de aula.

#### **II.4.3.1. Reflexão final da aula observada**

Tal como nas outras aulas assistidas, no final foi realizada uma reunião com os elementos do núcleo de estágio, na qual a autora deste relatório, procurou saber junto das suas colegas o processo de evolução da sua postura na sala de aula enquanto docente. Neste sentido, foi obtida a informação que a sua prestação pouco tinha a apontar, uma vez que a PE e autora deste relatório, se mostrou segura no desenvolvimento dos conteúdos, não incorrendo em erros, e mostrando uma postura correta na ordenação das atividades, na orientação da turma para o trabalho de aula e na assistência aos alunos.

#### **II.4.4. Aula nº1 de GDA - “SECÇÕES EM CONES COM BASE HORIZONTAL OU FRONTAL, PRODUZIDAS POR PLANOS PROJETANTES” - 04 de Março 2013**

A quarta aula assistida<sup>58</sup> teve como objetivos definidos a consolidação de conteúdos da UT “Secções” do programa da disciplina, dando principal enfoque às secções em cones com base horizontal ou frontal, produzidas por planos projetantes.

A aula teve a mesma estruturação e parâmetros das duas anteriores descritas neste relatório, sendo a dinâmica da aula promovida por uma breve revisão dos conteúdos lecionados anteriormente, e pela apresentação de uma ficha de trabalho<sup>59</sup> com exercícios desafiantes para o aluno, promovendo a sua capacidade de raciocínio para a resolução dos mesmos e a sua destreza na representação gráfica.

A PE, durante a prática dos exercícios, procurou estar atenta a todos os alunos que solicitavam a sua ajuda, circulando pela sala observando a destreza dos alunos e clarificando as dúvidas que estes apresentavam.

---

<sup>58</sup> Apêndice XIII

<sup>59</sup> Apêndice XIV

#### **II.4.4.1. Reflexão final da aula observada**

Apos a aula, os restantes elementos do Núcleo de Estágio, deram o seu parecer da PE e autora deste relatório, dizendo que esta demonstrou agilidade no conhecimento científico, pedagógico e didático, próprio da disciplina em questão.

Respetivamente à estruturação e didática da aula, foi possível promover e observar o envolvimento ativo dos alunos nas tarefas propostas e a concentração e autonomia, dos mesmos, na realização das tarefas

#### **II.4.5. Avaliação dos trabalhos propostos em sala de aula**

A avaliação foi efetuada durante o tempo de aula e durante a resolução dos problemas propostos à turma, onde se pôde verificar se os alunos apresentam capacidade de visualização no espaço, poder de observação aliado à capacidade de interpretar e registar, domínio dos meios de representação, rigor na representação gráfica, formulação de questões pertinentes, envolvimento e capacidade de integração no trabalho (individualmente e em grupo), persistência na aprendizagem, empenho no trabalho realizado, aquisição e compreensão de conhecimentos e capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.

A avaliação foi, também, efetuada a partir da realização de fichas de avaliação sumativa, numa média de duas por período, para que regularmente se pudesse obter um balanço informativo do desenvolvimento das competências do aluno e para que, no final de cada etapa, se pudesse contar com informação documentada que justificasse a atribuição de determinada nota ao aluno. Nesta disciplina, sendo uma das que normalmente os alunos encaram com mais dificuldade devido à sua “aparente” complexidade, é também importante a realização de fichas de trabalho, não só para avaliação no domínio dos conteúdos que lhes foram administrados, mas também para o desenvolvimento do raciocínio do aluno, e da interpretação e resolução de problemas.

#### **II.3.6. Reflexão geral da turma de GDA (11ºA)**

Sendo a classe do 11ºA do CCHAV, um grupo de pequena dimensão, com apenas 10 elementos (seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino), facilitou-se, um pouco, o trabalho de aula. A maior parte dos elementos da turma, eram frequentadores da disciplina de GDA pela segunda vez, sendo esta para alguns, a única disciplina que frequentaram durante o ano letivo. Como o 11º ano é terminal para a disciplina de GDA e está sujeito à realização de exame nacional, no final do ano letivo, justifica-se, provavelmente, que os alunos da turma em questão fossem, na sua maioria, assíduos, atentos e participativos nas atividades propostas, havendo um hábito de levantamento de questões pertinentes relativas aos temas

administrados em contexto de aula, representando estes factos motivação e desafio para a PE e autora deste relatório.

Pelos resultados das avaliações dos testes sumativos<sup>60</sup> realizados durante a frequência do estágio pedagógico (1º e 2º período), pode-se concluir que a turma revelou facilidade de assimilação e compreensão dos conteúdos, na aplicação prática correta dos mesmos. Enquanto na classificação final do 1º período foram atribuídas classificações negativas a quatro elementos da turma, no 2º revelou-se uma melhoria considerável, havendo apenas um aluno com nota não satisfatória.

A turma revelou ainda espírito de grupo e companheirismo entre eles, entreadjudando-se nas práticas resolutivas dos exercícios lançados em sala de aula.

---

<sup>60</sup> Apêndice XV



## CAPÍTULO III. VISITAS DE ESTUDO, COLÓQUIOS, TEATROS E EXPOSIÇÕES



Fig. 60 - Turma 12º D, na visita ao Museu de Arte Sacra, na Covilhã

A ESCM dado ao seu histórico de relação com o ensino artístico, e sendo a única escola do concelho que tem, como oferta, o curso CCHAV, para difundir a vocação artística pela comunidade, promove ao longo do ano letivo, algumas atividades que já são previstas no Plano anual de atividades, nomeadamente visitas de estudo, concursos e exposições dos trabalhos concretizados pelos alunos do curso de CCHAV em sala de aula, em diferentes espaços de cultura e lazer da cidade da Covilhã, e onde também obtêm a colaboração de outras entidades que facultam os espaços para a realização dos eventos. Desta forma, a ESCM pode mostrar à comunidade a boa qualidade dos trabalhos e dos alunos do CCHAV, amplificando desta forma o já alcançado prestígio da ESCM.

Durante oeste ano foram realizadas algumas atividades, nos quais o Núcleo de Estágio pôde colaborar e participar de forma ativa, tanto na sua organização, como no acompanhamento e desenvolvimento dos trabalhos e dos alunos. É de salientar que as atividades que se descrevem a seguir, não estão expostas por tipo, mas sim por ordem cronológica.

### III.1. Museu de Arte Sacra

No início do ano letivo, no âmbito das disciplinas de OFA e Desenho A, realizou-se uma visita de estudo ao Museu de Arte Sacra, com a finalidade de se inovar na realização dos testes diagnósticos destas duas componentes do curso. Esta visita deu-se no dia 19 de Setembro de 2012, em que os alunos do 12º D se deslocaram ao Jardim Público da Covilhã, objetivando a

observação do referido museu, instalado na Casa Maria José Alçada, da autoria do arquiteto Raul Lino. Datado de 1921, este palacete foi inaugurado como Museu de Arte Sacra em Outubro de 2011, contendo o seu espólio seiscentas peças de pintura, escultura, ourivesaria, paramentaria e figuras de roca. O percurso da exposição, estruturada de acordo com os sete sacramentos católicos (Batismo, Confirmação, Matrimónio, Ordem, Penitência, Eucaristia e Extrema-unção), despertou o interesse dos alunos enquanto ouviam as explicações do guia. No final foi proposto o desafio à turma - com os seus riscadores e suportes desenharem uma peça ou espaço da sua preferência -, realizando-se, desta forma, o teste diagnóstico. Os resultados revelaram-se bastante positivos nos registos obtidos, pois a turma apresentou, no final, desenhos que se mostraram bastante expressivos e interpretativos.

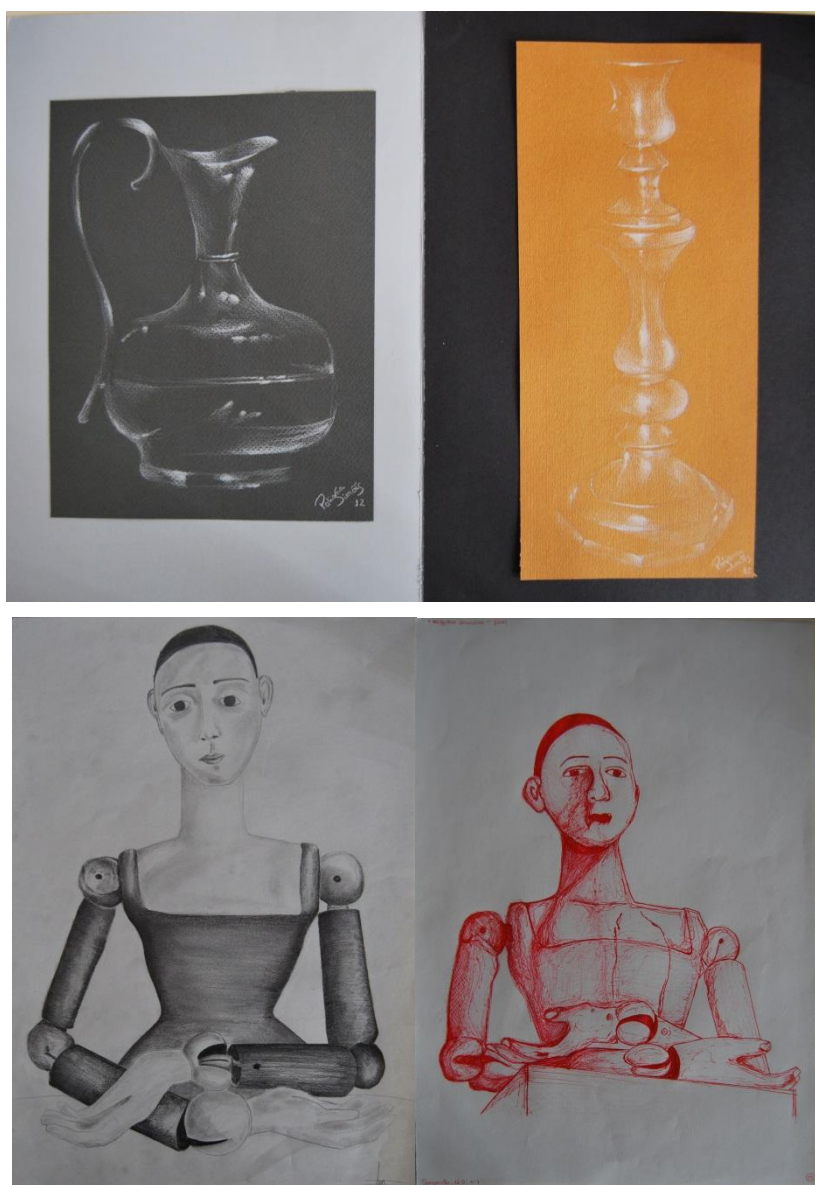


Fig. 61 - Teste diagnóstico no Museu de Arte Sacra - resultados.

### III.2. Projeto “Comenius”

O projeto “Comenius” tem por objetivo promover a multiculturalidade entre países, e neste sentido, a ESCM, acolheu alunos e professores da República Checa, Espanha e Polónia. Para além do intercâmbio, foram várias as atividades onde, tanto os alunos da escola e seus respetivos encarregados de educação, como os convidados, pudessem participar de forma a interagirem entre si e conhecerem melhor as culturas e experiências de cada um. Entre estas atividades, contava-se a criação de um logótipo identificativo do projeto em questão, sob o lema “*Different nations, one goal: togetherness*”, saindo como vencedor o logótipo desenvolvido pela República Checa.

Como forma de agradecimento, a ESCM, decidiu oferecer aos visitantes estrangeiros, uma lembrança que caracterizasse o nosso Portugal e em simultâneo simbolizasse esta experiência vivida por todos os envolvidos dos quatro países. Neste sentido, foram desenvolvidos, pelos alunos do 12º D, quatro painéis de azulejo (um para cada país), onde constavam os quatro logótipos desenvolvidos pelos países envolvidos. Os painéis referidos foram desenvolvidos durante as aulas de Desenho e OFA, tendo os alunos sido orientados e acompanhado pelos professores responsáveis das disciplinas em questão e pelos elementos do Núcleo de Estágio, obtendo-se, no final, um resultado bastante satisfatório e gratificante para todos os envolvidos no projeto.

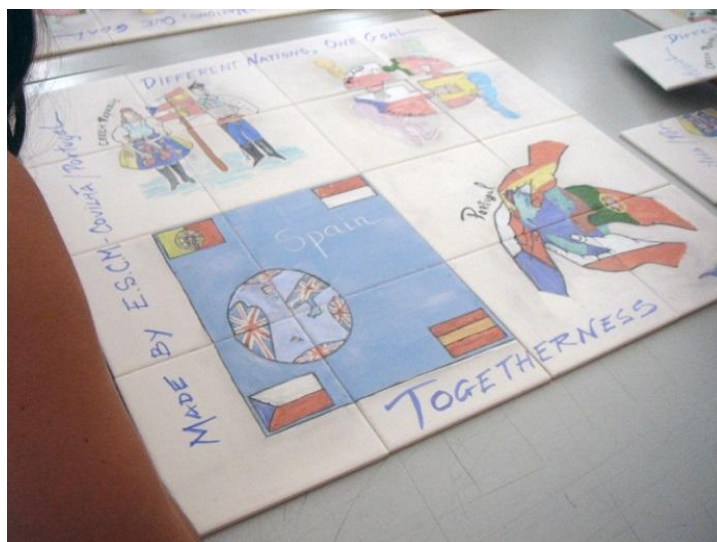


Fig. 62 - Painel de azulejo “Comenius”, onde constam os quatro logótipos

### III.3. “Entretecer”- Espetáculo multidisciplinar no Teatro das Beiras

Pelo dia 25 de Outubro, o Núcleo de Estágio acompanhou os alunos do 12º D de AV, em conjunto com os alunos de Design de Equipamento, até ao Teatro das Beiras, onde se assistiu à apresentação do espetáculo multidisciplinar “Entretecer”, produzido pela Pé de Pano - Projetos Culturais e pela Quarta Parede - Associação de Artes Performativas da Covilhã, sob a direção de Maria Belo Costa.



Fig. 63 - Alunos em diálogo com as atrizes da peça “Entretecer”

### III.4 - Concurso de “Árvores de Natal”

Com a proximidade da época natalícia foi lançado o concurso de árvores de Natal, no qual a turma do 12º D, no âmbito da disciplina de OFA , concorreu com um projeto realizado em cartão reciclado. Tanto o professor responsável da disciplina como os professores estagiários envolveram-se neste projeto, orientando os alunos que se mostraram bastante empenhados no projeto, sendo o resultado final do agrado de todos os elementos participantes.



Fig. 64 - Alunos na conceção do projeto da árvore de Natal (aula de OFA)

### III.5. Exposição “Registos” na Associação de Antigos Professores, Alunos e Empregados da ESCM.

Todos os anos, no início do ano letivo, é organizada uma exposição dos trabalhos dos alunos de CCHAV, executados no ano letivo anterior, na APAE - Associação de Antigos Professores, Alunos e Empregados da Escola Campos Melo.

A exposição envolve os trabalhos dos três níveis do CCHAV, e tem como objetivo mostrar à comunidade escolar, e não só, as várias tipologias de trabalhos que poderão ser desenvolvidos no decorrer do novo ano letivo, nas disciplinas de Desenho A e Oficina de Artes. Neste âmbito, foi proposto pelos professores responsáveis pelas disciplinas em questão, que o grupo de professores estagiários elaborasse um cartaz divulgativo da exposição, de forma elucidativa ao tema da exposição intitulada como “Registos”.

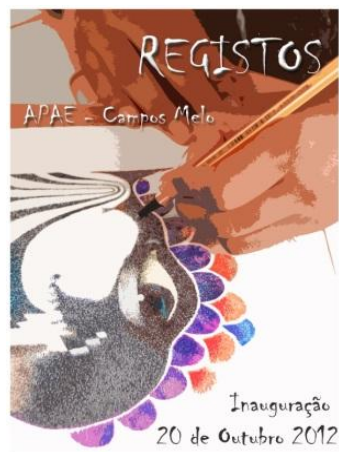


Fig. 65 - Cartaz da exposição “Registos”, na APAE.



Fig. 66 - Exposição “Registos”, na APAE.

### III.6. Exposição “Do Ponto ao Desenho” - Serra Shopping

As turmas de AV (10º, 11º e 12º anos) puderam expor, pelo 4º ano consecutivo, nos átrios do Serra Shopping, na Covilhã, com o intuito de mostrarem os seus melhores trabalhos, realizados nas aulas de Desenho A e OFA. Esta exposição foi organizada pelos professores responsáveis das disciplinas e turmas em questão, cabendo ao Núcleo de Estágio conceber o cartaz divulgativo do evento, ajudar na seleção dos trabalhos a expor e, tal como todos os envolvidos, na preparação e montagem da exposição nos espaços cedidos pelo Serra Shopping.

Esta exposição pôde ser vista por quem frequentou o espaço comercial em questão, entre 15 a 21 de Janeiro do corrente ano, deslumbrando os visitantes pela qualidade dos trabalhos expostos dos alunos da ESCM.



Fig. 67 - Cartaz da exposição “Do Ponto ao Desenho” , no Serra Shopping

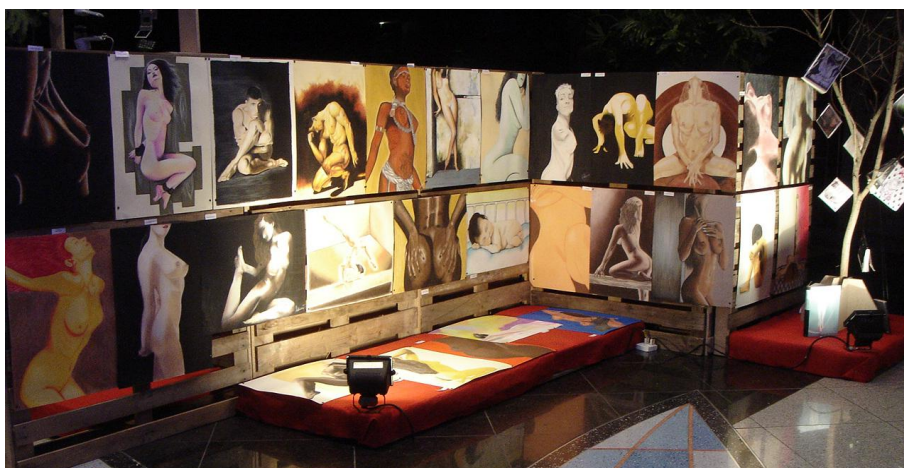


Fig. 68 - Exposição “Do Ponto ao Desenho”, Serra Shopping

### III.7. Campos Melo na 17ª Edição do Colóquio Juvenil de Arte

Em representação da ESCM na 17ª edição do Colóquio Juvenil de Arte, que decorreu este ano na Escola Secundária Eça de Queiroz, em Lisboa, esteve a turma do 12º D. Os colóquios decorreram nos dias 6, 7 e 8 de Fevereiro e os alunos deslocaram-se até Lisboa, a fim de levarem dois filmes a concurso, que realizaram sob o tema dado pela organização do evento, sendo ele “A arte e o lápis - viajando na memória do tempo”.

Os filmes foram realizados na disciplina de OFA, sob a orientação da professora Ana Fidalgo (responsável pela disciplina) e pelo Núcleo de Estágio. Apesar dos poucos recursos, os alunos mostraram-se bastante entusiasmados desde o início da proposta, conseguindo concretizar dois filmes que levaram a concurso, e sobre os quais obtiveram críticas muito positivas relativamente à criatividade empenho e produção final.



Fig. 69 - Fotogramas dos dois filmes do concurso “A arte e o lápis - viajando na memória do tempo”

### III.8. Exposição “Texturando um Sonho” - Tinturaria

No início do 3º período, os alunos finalistas dos cursos de CCHAV expuseram, coletivamente com o curso profissional de Design de Equipamento, no espaço da antiga Tinturaria, onde ambas as turmas puderam mostrar os trabalhos desenvolvidos nas aulas práticas de cada curso, durante o decorrer do ano letivo. Mais uma vez criou-se a oportunidade de revelar à comunidade o mérito do desempenho, criatividade e destreza técnica dos alunos da ESCM.

Nesta exposição puderam ser observados os projetos desenvolvidos durante a abordagem temática nas aulas de OFA, “O ponto, a linha e a textura como objetos estruturantes da linguagem plástica” e “Arte tridimensional”, bem como outros trabalhos destes alunos finalistas desenvolvidos nas aulas de Desenho A.



Fig. 70 - Exposição Texturando um Sonho, na galeria da Tinturaria

## Considerações Finais

O caminho realizado ao longo destes dois anos, no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, foi um desafio no qual o crescimento foi muito para além do intelecto. Este percurso permitiu o alargamento da experiência como docente, e entender que, por muito que já se tenha ensinado, nunca se sabe tudo sobre a arte de ensinar.

Com a PES, as experiências aqui vividas contribuíram para o crescimento pessoal e profissional, a partilha de conhecimentos e novos conceitos, metodologias, conteúdos e práticas. A inserção num novo ambiente escolar, é sempre uma mais-valia para o alargamento da nossa capacidade de lidar com novos colegas, novos alunos, novas salas e seus recursos. Para a autora deste relatório, apesar de já ter experiência na lecionação das disciplinas que administrou na PES, deparou-se com novas propostas de trabalho e metodologias de ensino e organização, pelo que valoriza muito a experiência obtida neste período de estágio.

Para além de ensinar, é fundamental que o professor saiba estar atento ao que se passa à sua volta, em sala de aula, respeitar para ser respeitado e ser fonte de incentivo para o aluno, pois o que se aplica na sala de aula e a forma como o professor leciona pode mudar o rumo de um jovem.

Quanto à investigação, apesar de o tema ter bastante potencialidade na sua aplicabilidade em contexto de aula de OFA, ou até mesmo Desenho A do CCHAV, a sua aplicação e monitorização durante o decorrer da PES não foi tão intensiva e diversificada como a autora deste relatório desejaria, devido ao número de atividades já previstas no PAA, e nas quais os alunos participaram. No entanto, investigá-lo foi uma mais-valia para a autora deste relatório que, desta forma, ampliou e organizou o seu conhecimento sobre as relações da fotografia com a arte, possibilitando a criação e planificação de novas atividades expressivas e artísticas em futuros cargos como docente da área das Artes Visuais.

A sociedade atual, é a sociedade da imagem, na qual a fotografia, invade diariamente o nosso dia-a-dia transmitindo-nos informação. Como meio de expressão e comunicação que é, ocupa também um lugar no campo da educação, permitindo dar a conhecer aos alunos o que não podem observar ao vivo, e facilitando ao professor a comunicação para com os seus pupilos. No ensino das Artes Visuais, a imagem é importante para o desenvolvimento pessoal, estético e de observação do aluno, permitindo que este aumente a sua experiência artística partindo do que vê e desenvolve a partir da imagem e, por vezes, na procura da sua própria identidade. Nesta fase final do relatório, pode-se concluir pelo que foi exposto, que nas Artes Visuais, a Fotografia ocupa um lugar importante no desenvolvimento artístico e no processo de criação e da obra. Desde que surgiu com o seu objetivo “de reprodução fiel da realidade”,

é utilizada desde o Impressionismo como uma fonte/base assumida no trabalho artístico, servindo de modelo (substituindo o modelo ao vivo ou funcionando como projeto, também, através de *collage* e fotomontagem) ou sendo apropriada e desconstruída principalmente na pintura, finalmente, atingindo, ela própria, o estatuto de arte e transgredindo, assim, a sua “aura” de veracidade face ao referente.

Na PES, pôde-se demonstrar e concluir que a utilização da imagem no processo de ensino-aprendizagem facilita quer a comunicação e transmissão de conteúdos, sendo um grande apoio, quer na introdução de novos conteúdos aos alunos, quer na ampliação da sua cultura visual e sensibilização para critérios estéticos, exercitação do seu olhar crítico, apuramento da sua sensibilidade e consciencialização das suas experiências estéticas face à obra de arte, compreensão do código (escrito e imagético) das artes visuais, confrontação com múltiplas obras de arte, artistas, estilos e, assim, associar, aproveitar e aplicar os conceitos, transmitidos em contexto de aula, na realização da sua própria obra.

## Bibliografia

AMAR, P.J. (2007). *História da Fotografia*. Lisboa: Edições 70

BARTHES. R. (2012). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70

BAURET, G. (2006). *A Fotografia*. Lisboa: Edições 70

COLÓNIA. Museum Ludwing. (1996). *Fotografia do século XX*. Colónia: Taschen

CORRÊA. J. (2013). *A Evolução da Fotografia e uma Análise da Tecnologia Digital*. Brasil: Universidade Federal de Viçosa

FIELL. Charlotte & Peter (2000) *Design do Seculo XX*. Colónia: Taschen

GONÇALVES, L. ALÍRIO,E (2005). *Programa De Oficina De Artes - 12º Ano - Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais*. Lisboa: Ministério da Educação

SOUGEZ, M.L. (1996). *História da Fotografia*. Lisboa: Dinalivro

HEITING, M. (2012). *Man Ray*. Colónia: Taschen

SIQUEIRA. Beatriz E. F.(2007) *Francis Bacon: Um Grito Suspenso Na Distorção Da Imagem*. Psicanálise & Barroco - Revista de Teoria Psicanalítica, v.07.

KRAUBE, A.C. (1995) *Historia da Pintura - Do Renascimento aos nossos dias*. Colónia: Könemann

XAVIER, J.P. REBELO, J.A.(2001). *Geometria Descritiva A - 10º e 11º ou 11º e 12º anos - Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias e Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais*. Lisboa: Ministério da Educação

## Netgrafia

<http://www.bauhaus.de/index+M52087573ab0.html>

<http://www.camposmelo.pt/index.php/a-escm/54-a-escola/61-historia>

<http://www.denispeterson.com/>

<http://www.fotografonocturno.com/articulos/un-clasico-de-la-penumbra>

<http://www.ithaca.edu/faculty/skopik/writing/digitalphoto.html>

<http://www.paulcadden.com/>

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-cinema/historia-do-cinema-13.php>

## Índice de Anexos

Anexo I	Plano de Estudos de CCHAV
Anexo II	Plano de Estudos de Oficina de Artes
Anexo III	Plano de Estudos de Geometria Descritiva A - 11º ano



## Índice de Apêndices

Apêndice I	Caracterização do 12º D
Apêndice II	Planificação de Oficina de Artes - 12º ano
Apêndice III	Planificação de Geometria Descritiva A - 11º ano
Apêndice IV	Planificação Aula Linha - OFA
Apêndice V	Planificação Aula Arte Tridimensional - OFA
Apêndice VI	Planificação Aula 1 GDA
Apêndice VII	Apresentação Aula 1 GDA
Apêndice VIII	Planificação Aula 2 GDA
Apêndice IX	Apresentação Aula 2 GDA
Apêndice X	Ficha de Trabalho Aula 2 GDA
Apêndice XI	Planificação Aula 3 GDA
Apêndice XII	Ficha de Trabalho Aula 3 GDA
Apêndice XIII	Planificação Aula 4 GDA
Apêndice XIV	Apresentação Aula 4 GDA
Apêndice XV	Estatística de Resultados